

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

Andressa Grandó Hoewell

**MATERNIDADE E TRABALHO: ATRAVESSAMENTOS DOS DISCURSOS
SOCIAIS EM FALAS DE MULHERES DURANTE A PANDEMIA DO
COVID-19.**

Porto Alegre, 2022.

Andressa Grando Hoewell

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Milena da Rosa Silva

Porto Alegre, 2022.

Nome: Andressa Grando Hoewell

Título: Maternidade e trabalho: atravessamentos dos discursos sociais em falas de mulheres durante a pandemia do COVID-19.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Assinatura: _____

Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard

Instituição: Universidade de Brasília - UNB

Assinatura: _____

Profa. Dra. Rosana de Souza Coelho

Instituição: Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Milena, minha orientadora, por me acolher nesse percurso, sempre disposta a incentivar, apoiar e apontar as melhorias com cuidado e gentileza, postura que admiro muito e agradeço. Aos professores, colegas, amigos e familiares que me apoiaram nesta caminhada. Caminhada difícil pela incidência de uma pandemia que nos assolou e assola ainda hoje. Muitas foram nossas perdas, medos e anseios. A escrita desta dissertação só se fez possível admitindo que precisamos dos intervalos, das pausas para respirar e então retomar. Da compreensão, do olhar e da escuta do outro a reconhecer em nós capacidades e amparar nossos desamparos. Quando a angústia bateu, sempre alguém esteve ali, disposto a dar uma escuta atenta, alento e estímulo a seguir. Às amigas queridas, tantas vezes sendo leitoras dos meus fragmentos, trocando ideias e impressões. À equipe do NEPIs ao oferecer um espaço de trocas e aprendizagens. Ao meu analista, imensa gratidão. Por fim à minha filhota que me inspira, ensina e instiga minhas reflexões sobre o que é e como ser mãe, mulher e profissional a cada dia.

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa de mestrado visou refletir sobre sujeitos que se nomeiam mulheres no que tange à maternidade e à vida profissional. Toma como pergunta norteadora: como os discursos sociais incidem sobre a subjetividade de mulheres que se nomeiam mulheres, mães e profissionais, para pensar sobre conflitos e possibilidades que daí advém. Utilizou-se da teoria dos discursos de Lacan bem como das ideias de outros autores para fomentar e embasar a discussão. Considerou-se o período pandêmico, período pelo qual esta pesquisa foi atravessada. Observou-se que esta vivência, em grande parte, colocou luz a questões já existentes mesmo antes da pandemia na vida das mulheres, não sem considerar as peculiaridades advindas da iminência de adoecimento e morte que trouxeram medos e ansiedades. Foram abordadas questões como a sobrecarga no que tange às atividades de cuidados (dos filhos, da casa, das emoções), conciliar vida profissional e maternidade, ambivalência e culpa, o trabalho como fonte de identificação. Observou-se que o discurso capitalista colabora com a sobrecarga das mulheres que são mães e trabalham ao demandar ideais de completude e totalidade. Porém, pela não fixidez de onde o sujeito se posiciona na estrutura discursiva, é possível fazer frente a tais demandas questionando-as, possibilitando a circulação do desejo. Observou-se a importância de um Outro/outro que reconheça o sujeito em suas falas singulares para tanto. Como metodologia utilizou-se da pesquisa psicanalítica e como técnica a leitura dirigida pela escuta psicanalítica.

Palavras-chave: mulher, maternidade, trabalho, psicanálise, teoria dos discursos, pandemia.

RESUMEN: El trabajo de investigación de este máster tuvo como objetivo reflexionar sobre sujetos que se autodenominan mujeres en lo que respecta a la maternidad y la vida profesional. La pregunta orientadora consistió en cómo los discursos sociales inciden en la subjetividad de quienes se autodenominan mujeres, madres y profesionales, para reflexionar sobre los conflictos y posibilidades que surgen de ello. Nos basamos en la teoría del discurso de Lacan, así como las ideas de otros autores, para fomentar y apoyar la discusión. Se consideró el período pandémico, período por el que atravesó esta investigación. Esta experiencia, en gran parte, arrojó luz sobre temas que existían incluso antes de la pandemia en la vida de las mujeres, pero que incrementó temores y ansiedades derivadas de la inminente enfermedad y muerte. Se abordaron temas como la sobrecarga en las actividades de cuidado (niños, hogar, emociones), conciliación del trabajo y la maternidad, la ambivalencia y la culpa, y el trabajo como fuente de identificación. Se observó que el discurso capitalista colabora con la sobrecarga de mujeres

que son madres y trabajan, exigiendo ideales de plenitud y totalidad. Sin embargo, debido a la fluctuación del sujeto en la estructura discursiva, es posible enfrentar tales demandas cuestionándolas, posibilitando la circulación del deseo. Para ello resulta fundamental un Otro / Otro que reconozca al sujeto en sus discursos singulares. Como metodología se utilizó la investigación psicoanalítica y como técnica la lectura guiada por la escucha psicoanalítica.

Palabras clave: mujer, maternidad, trabajo, psicoanálisis, teoría del discurso, pandemia.

ABSTRACT: The present master's research work aimed to reflect on subjects who call themselves women with regard to motherhood and professional life. It takes as a guiding question: how social discourses affect the subjectivity of women who name themselves women, mothers and professionals, to think about conflicts and possibilities that arise from it. Lacan's theory of discourses was used, as well as the ideas of other authors to encourage and support the discussion. The pandemic period was considered, the period through which this research was crossed. It was observed that this experience, to a large extent, shed light on issues that already existed even before the pandemic in women's lives, not without considering the peculiarities arising from the imminence of illness and death that brought fears and anxieties. Issues such as the overload in terms of care activities (of the children, the house, emotions), reconciling professional and motherhood, ambivalence and guilt, work as a source of identification were addressed. It was observed that the capitalist discourse collaborates with the overload of women who are mothers and work by demanding ideals of completeness and totality. However, due to the non-fixity of where the subject is positioned in the discursive structure, it is possible to face such demands by questioning them, allowing the circulation of desire. It was observed the importance of an Other/other who recognizes the subject in his/her singular speeches for this purpose. As a methodology, psychoanalytic research was used and as a technique, reading guided by psychoanalytic listening.

Keywords: woman, motherhood, work, psychoanalysis, discourse theory, pandemic.

“Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas
Passado, presente
Participo sendo o mistério do planeta”

(Novos Baianos- Mistério do Planeta)



Arte de Cynthia Gyuru (@cynthiagyuru)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Mulher, Maternidade e Trabalho	13
O não natural e o sofrimento na maternidade	22
A teoria dos discursos e a maternidade	25
Mal-estar em nossa época e o Discurso Capitalista	30
Tempos de Pandemia	37
MÉTODO	40
APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
Dar conta de tudo: filhos, trabalho, casa, beleza, casamento	47
Os significantes “total”, “não dou conta” e “impotente”	48
Ambivalência e Culpa	57
Trabalho/ Vida profissional	66
Desafios, adaptação e sobrevivência na pandemia	74
A possibilidade de giros - Os discursos não são fixos	80
A casa	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	94
ANEXO A	101

INTRODUÇÃO

O presente texto resulta do processo de pesquisa ao longo de um percurso de mestrado em Psicanálise: clínica e cultura, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Objetiva ser uma escrita/dissertação a refletir sobre questões da maternidade e do trabalho no universo de sujeitos que se nomeiam mulheres (mães e profissionais). Toma a teoria dos discursos de Lacan para pensar como o discurso social vigente, do capitalista ou do mestre moderno, incide sobre a subjetividade de mulheres que maternam e trabalham e os conflitos daí observados. Utiliza-se também de outros autores e artigos de pesquisas que fomentam a discussão.

“Deixando e recebendo um tanto”, instigada a pensar sobre “os mistérios do planeta”, foi-se construindo esse percurso.

Parto da noção de parentalidade, a qual é definida por Iaconelli (2020a) como: “a produção de discursos e as condições oferecidas pela geração anterior para que uma nova geração se constitua subjetivamente em uma determinada época” (p.17). Thaís Garrafa (2020) traz o entendimento de que uma vez participando do mundo da linguagem, sempre haverá uma tomada de posição frente aos nomes que nos concernem. Portanto, nomear-se pai ou mãe, tomando para si estes significantes, implica assumir um lugar na família, na sociedade e perante aquele que será reconhecido como filho. A parentalidade, assim, envolve atos de nomeação e reconhecimento de lugares, considerando tanto a singularidade de cada sujeito, quanto o campo social que enlaça os sujeitos que se incumbem dessa tarefa. Tendo a parentalidade como a produção de discursos para que a nova geração se constitua subjetivamente, e considerando que as produções de discurso dos pais estão atravessadas pelo discurso social, saliento a relevância de pensar o tema da maternidade. Maternidade que divide espaço com a vida profissional para muitas mulheres. Pretendo pensar sobre os atravessamentos do discurso social vigente nessa

produção discursiva de mulheres que são mães e profissionais, através de relatos de mulheres coletados durante a pandemia. Discursos de mulheres que têm incidência do discurso social e que se farão transmissão a constituir a subjetividade das novas gerações.

A revisão de literatura passa por pensar como a cultura e o discurso social foram marcando a mulher em torno do tema maternidade e trabalho e as demandas que recaem sobre as mesmas. Historicamente, a maternidade foi tida como uma saída sem escolha à feminilidade. Na atualidade, em um discurso que inclui outras possibilidades de caminhos para as mulheres, a vida profissional passou a ser um universo onde muitas mulheres investem sua libido, muitas inclusive abrindo mão da maternidade. Esta pesquisa versa sobre mulheres que maternam e ao mesmo tempo trabalham ou desejam trabalhar¹.

É inerente a toda pesquisa realizar um recorte, sendo o desta pesquisa – por razões que serão melhor explicitadas na discussão metodológica – mais próximo ao da realidade de mulheres brancas, classe média. Porém, considere importante situar as pluralidades e diferenças das mulheres no cenário brasileiro, num exercício político de inclusão destas diferentes realidades, ampliando assim nossas perspectivas e entendimento de contextos.

O desejo de investigar o tema “maternidade e trabalho” surgiu inicialmente da escuta clínica, com a qual atentei para a frequência de conflitos relatados por mulheres no momento de retorno ao trabalho, após os primeiros meses de licença-maternidade. Em suas falas, não raro aparecia o significante culpa, bem como conflitos envolvendo o desejo de estar e não estar com o(s) filho(s) pequeno(s). Discursos que rompem com a idealização da mãe perfeita, com o ideal de que ser mãe é natural e instintivo. O desejo de trabalhar com este tema vem também de minha própria vivência e questionamentos ao ser mãe. Como veremos na escolha

¹ Saliento a dimensão do trabalho doméstico não remunerado, bem como o cuidado com a família e filhos serem também considerados trabalho. Porém, neste escrito estarei fazendo um recorte do trabalho remunerado, na dimensão profissional.

metodológica (Iribarry, 2005; Caon, 1994), na pesquisa psicanalítica a implicação do pesquisador e seu desejo estão presentes desde o início.

Este caminhar teve a interferência de uma pandemia, a pandemia do COVID-19, na qual todos ainda estamos vivendo. Isto se deu ao iniciar o segundo semestre deste curso de mestrado. No grupo de pesquisa do qual participo (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias - NEPIs) construímos uma pesquisa intitulada “Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia”. Visando coletar relatos de mulheres que são mães nesse período lançamos a seguinte pergunta nas redes sociais: “Como tem sido para você a experiência de ser mulher e mãe em tempos de pandemia?”. Recolhemos cerca de 340 relatos. Dentre eles, muitos versam sobre o tema que esta pesquisa de mestrado pretende investigar. Inicialmente, pretendia entrevistar mães no momento de retorno às atividades laborais, momento em que tinham que deixar seus filhos aos cuidados de outros: babás, escolas ou parentes. Adaptando ao contexto da pandemia, voltei-me aos relatos da referida pesquisa para refletir sobre a conflitiva maternidade/trabalho nas narrativas de mulheres em tempos de pandemia.

Considerando que o sujeito não é sem laço com o social, busquei: 1- contextualizar historicamente as mudanças sociais em torno da figura da mulher, dando ênfase especial à maternidade e ao trabalho; 2- fazer um apanhado geral sobre o que pode representar o trabalho em termos subjetivos para as mulheres na sociedade atual; 3- abordar a teoria dos discursos de Lacan para pensar os ideais da cultura, advindos de um discurso capitalista, ou do mestre moderno; 4- contextualizar o momento da pandemia, período no qual a maior parte desta pesquisa se processou. Em um segundo movimento desta escrita, procurei trazer uma discussão utilizando como elementos os relatos coletados e a teoria pesquisada, tecendo ideias e reflexões sobre o discurso social e o universo das mulheres que são mães e trabalham.

O campo de investigação desta pesquisa é um recorte de sujeitos que se nomeiam mulheres e mães na atualidade em sua relação com a maternidade e o trabalho. O objetivo: refletir sobre os impactos dos discursos sociais vigentes na subjetividade dessas mulheres no que concerne à conflitiva observada entre maternar e ter uma vida profissional, levando em consideração o contexto da pandemia.

A pergunta construída como norteadora desta pesquisa foi: como incidem os discursos sociais vigentes na subjetividade de sujeitos que se nomeiam mulheres, mães e profissionais na atualidade, levando em consideração o contexto da pandemia?

A metodologia utilizada foi a pesquisa psicanalítica, com a qual procurei analisar a narrativa de mulheres que são mães em tempos de pandemia, em articulação e transferência com a teoria, com as alteridades de colegas, professores e orientadora, com as anotações e impressões ao longo da pesquisa e com a leitura do próprio texto ao longo de seu processo de escrita.

Mulher, maternidade e trabalho

A história da mulher na cultura ocidental sempre esteve marcada pela reprodução, por ser ela a que gesta e pare, e por formas de exercícios de poder em torno de seus corpos. Durante séculos, as mulheres estiveram submetidas a um arranjo social no qual eram submissas à hierarquia e autoridade dos homens, fossem o pai ou o marido. Por muito tempo foi atribuída à figura da mulher, além desta submissão ao homem, a maternidade. Suas lutas em torno de obtenção de autonomia, do reconhecimento de seu valor no mercado de trabalho e dos direitos iguais na vida social e civil, bem como o surgimento da pílula anticoncepcional - que possibilitou maior autonomia sobre seus corpos, possibilidade de escolha em ter ou não filhos, se ocupar de outros vínculos e objetivos em suas vidas, como a vida profissional - vem trazendo

um movimento de mudanças significativas sociais e na cultura (Santos & Brandão, 2015). Porém, muitas vezes ocupar diferentes papéis pode trazer sentimentos contraditórios, tendo em vista um discurso social que demanda da mulher ser boa mãe, se destacar no mundo profissional, além de uma demanda por ser bela, saudável, uma boa companheira com seu par conjugal. Como diz Iaconelli (2019b) “essa conta não fecha”. Esta expressão que Iaconelli utiliza leva a pensar na operação da castração, operação que funda o sujeito para a teoria psicanalítica. Leva à pergunta: por que a busca por dar conta de tudo observada em tantos relatos de mulheres? Pergunta que vou podendo refletir com o suporte da teoria dos discursos (Lacan, 1969-70/1992; 1970/2003; 1972/2017), observando que o discurso do capitalista demanda a totalidade, o tamponamento da falta, o “goza!”, conforme veremos mais adiante.

Em 1985, a filósofa Elisabeth Badinter, no livro “Um amor conquistado”, tratava sobre a mulher em sociedade e o papel da maternidade atribuído a ela. Observava as transformações que vinham ocorrendo e um novo espaço que vinha sendo ganho pelas mulheres que abria um modo distinto de abordar o destino feminino. Para além de trazer a constatação de que o amor materno não era algo inato, Badinter (1985/2011) apontava para novos horizontes, para além da maternidade. Horizontes que as mulheres vinham buscando em sociedade, desmistificando os modelos culturais e sociais do século passado. A partir das transformações observadas no universo feminino, a filósofa apontava e contribuía com sua escrita na construção de outras vias possíveis ao desejo feminino. Freud (1932/1996) apontava a maternidade como *um* destino possível ao destino feminino. Grifo este *um*, pois trata-se de detalhe significativo. Dizer que este era *um* destino possível aponta para não fechá-lo como o único. Freud observava o que se passava em sua época, onde a maioria das mulheres, por forças sociais envolvendo jogos de poder que subjugavam a figura da mulher, como já citado, tinham como destino possível, na maioria dos casos, a maternidade. Porém, este *um destino possível* aponta para a impossibilidade de uma saída única para o desejo para todas.

Iaconelli (2015) situa certo mal-estar existente em torno do tema da maternidade. Mal-estar que pode estar ligado ao fato desta experiência ser algo muito singular na vivência de cada mulher. A maternidade não comporta uma forma universal de ser para todas as mulheres e nem pode ser pensada como a única saída possível ao desejo. É marcada pela cultura, pelos jogos de poder sociais, pela transmissão familiar e pela história pessoal de cada mulher.

Em minha escuta clínica de mulheres de classe média/média baixa, com filhos pequenos, é comum ouvir sentimentos contraditórios entre o desejo de estar com o(s) filho(s) e não estar. Quando se perguntam sobre o momento de retornar ao trabalho, muitas sentem-se em conflito ao não desejarem mais estar o tempo todo com seu(s) filho(s), muitas vezes gerando angústia e culpa. Iaconelli (2019b) refere ser muito comum o sentimento de culpa presente entre os pais, advindo de nossa cultura que os sobrecarrega de responsabilidades, não apenas em garantir saúde, educação e estarem presentes, mas também responsabilidades onipotentes, de prever o que vai acontecer, de garantir coisas que não são possíveis de serem garantidas. Este excesso de responsabilidade que o discurso da cultura atual imputa aos pais parece dificultar o exercício da castração, da noção de que somos limitados e não damos conta de tudo, pois sempre algo faltará. Vale ressaltar que este peso é maior sobre as mulheres, demandadas em serem responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa em maior grau que os homens (International Labour Organization - ILO, 2018). Além disso, são geralmente as mulheres quem mais desinvestem profissionalmente para gerir os múltiplos papéis após a chegada do bebê (Martins et al., 2014). Durante a pandemia do COVID-19 observou-se a redução de horas de trabalho em grande maioria por parte das mulheres (Collins et al, 2021). Estudos atuais apontam que mães com filhos pequenos (de 1 a 5 anos) reduziram suas horas de trabalho de quatro a cinco vezes mais do que os pais, no período entre fevereiro e abril de 2020 (Staniscuaski et al., 2021). Os autores apontam que, em caso de incompatibilidade ou dificuldades na conciliação

do papel profissional com o familiar, a abdicação da vida profissional acontece, na maioria das vezes, por parte das mulheres.

Macedo (2020), em seu artigo "Ser mulher, mãe e trabalhadora", faz a revisão de uma série de trabalhos de diferentes autores que escrevem sobre o tema da maternidade e trabalho. Constata que, em tempos de pandemia, é exaustivo para muitas mães e pais ficarem com os filhos em casa já que eles estão acostumados ao ritmo acelerado da vida urbana, a uma rotina de afastamento e não de proximidade com os que mantêm relação afetiva. Reforça a ideia de que, no Brasil, a responsabilidade pelo trabalho doméstico formal ainda é na sua maioria destinada às mulheres e muitas vezes a subjetividade das mulheres está imersa nesse discurso que dita que é delas a responsabilidade de cuidados dos filhos, da casa, da família.

O relatório "Care work and care Jobs For The Future of decent work" (ILO, 2018) traz significativos dados no que tange às atividades de cuidados, ainda consideradas em sua maioria, como responsabilidades femininas. Observando 23 países ao redor do mundo, concluiu-se que mulheres e meninas realizam três quartos da quantidade total de trabalho não remunerado de cuidado. Além disso, dois terços dos trabalhadores de cuidados remunerados são mulheres. Este estudo apontou que em nenhum país do mundo homens e mulheres proveem uma parcela igual do trabalho não remunerado de cuidado, ou seja, que a relação de gênero e de cuidado não é equilibrada.

Um estudo de 2011 de Borsoi e Pereira demonstra as diferentes maneiras de divisão de trabalho comparando homens e mulheres que têm vidas profissionais acadêmicas. As mulheres pesquisadas estavam mais propensas a maiores jornadas de trabalho e a sobreporem necessidades profissionais e incumbências domésticas, além de sofrerem ou adoecerem mais psiquicamente. Fabbro e Heloany (2010) estudaram o tema mulher, maternidade e trabalho, pesquisando mulheres professoras acadêmicas. Estas mulheres sentiram-se realizadas e

encontrando um sentido para suas vidas no meio profissional. Porém, terminavam enfrentando conflitos nas relações familiares pela articulação do mundo privado com o trabalho, já que muitas vezes estendiam suas jornadas de trabalho à noite e aos finais de semana já em casa. Para os autores, ser profissional parece ter se tornado parte da identificação dessas mulheres dando a elas um sentido de vida para além da maternidade. Os autores apontam que, embora a maternidade possa não ser a única forma de identificação das mulheres, ainda é uma experiência importante e significativa para as mesmas. Ou seja, muitas mulheres que antes apresentavam uma inclinação ou desejo em se inserir na vida profissional, mas não agiam nesta direção por inúmeros fatores sociais, passaram a assumir seu desejo de serem profissionais na atualidade. Concomitantemente, muitas ainda querem ser mães. Podem apresentar identificações ao mesmo tempo como profissionais e como mães, lançando a direção de seu desejo a diferentes lugares e papéis sociais. Em um recente estudo focal com cinco docentes da Universidade Federal de Minas Gerais, Pereira et al. (2019) constataram que a maternidade era vista como um marco na vida dessas mulheres docentes, mas que o trabalho também era sentido como uma fonte de realização pessoal. O estudo traz a ideia de que muitas mulheres constroem identificações simultaneamente sendo mães e profissionais, encontrando diferentes sentidos e direções para seus desejos e identificações. Porém, embora considerassem natural conciliar os papéis de mãe e trabalhadora, narraram uma sobrecarga em relação aos seus afazeres profissionais com a maternidade. Fabbro e Heloany (2010) corroboram com a ideia da sobrecarga feminina, referindo a existência de um conflito no qual reside a introjeção de uma demanda ideal, advindo do discurso social, de que todo o cuidado é atividade feminina. Referem que muitas vezes se observa como reflexo desse conflito sentimento de culpa ao não alcançarem este ideal, não dando conta de todo esse cuidado. Tais estudos demonstram que a imagem ou ideal da mulher como cuidadora ainda tem muita força em nossa cultura.

Mas de que mulher se trata quando usamos o termo “mulheres trabalhadoras”? O contato com a escrita de mulheres negras me fez perceber que o universo de mulheres brancas pertencentes à classe média e de mulheres negras, pertencentes em sua maioria no Brasil a uma classe social de pobreza, é muito diferente. Considero importante mencionar esta discussão, embora meu material de análise seja, principalmente, de mulheres brancas. Embora cada sujeito se articule e se engendre singularmente em torno de suas marcas faltantes, o contexto e os discursos fazem laço social ao sujeito, geram seu desejo, e o movem na vida social. É importante situar que os diferentes contextos de vida das mulheres geram diferentes possibilidades destas articulações. Vejamos o que diz Sueli Carneiro (2003):

A mulher que trabalha não é nenhuma novidade na história, como às vezes se afirma precipitadamente. A grande diferença que ocorreu de algumas décadas pra cá diz respeito à maneira como se passou a encarar essa atividade. As mulheres (a maioria delas) sempre trabalharam, mas isso não era motivo de orgulho, apenas a prova de uma condição social inferior: não eram nobres, nem ricas, nem bem casadas (Carneiro, 2003, pp. 50-51).

Assim, o trabalho, para a maioria das mulheres negras e pobres, esteve sempre presente na sua existência. Nesta mesma linha, um estudo de Almeida (2007) aponta para o significado que tem o trabalho remunerado, ou "trabalhar fora", para as classes populares e para as classes médias e médias altas. Nas classes populares o trabalho remunerado estaria referenciado, no discurso das mulheres entrevistadas, à necessidade e possibilidade de ascensão da família. Já para a classe média, estaria ligado à possibilidade de independência e autonomia da mulher em relação ao homem e aos cuidados domésticos.

Grant (2002) aponta que o aumento do número de mulheres que passaram a ocupar a esfera profissional em âmbito público, sendo inscrita no discurso social, particularmente no ocidente, se deu a partir dos anos 60. Situa, então, um recorte voltado às mulheres de classe

média branca. Até meados do século 20, segundo a autora, a maternidade era a única função valorizada e reconhecida socialmente na vida destas mulheres (Grant, 2002; Araújo & Moura, 2004).

A conquista de decidir sobre o momento de ter ou de não ter filhos (em decorrência dos métodos anticoncepcionais), o divórcio e a possibilidade de estabelecer novas parcerias amorosas, pluralizam as formas de inscrição numa determinada rede social. Sobre o termo “trabalhar fora”, Grant (2002) diz que ele aponta ao lugar dado a estas mulheres em sociedade historicamente: o lar² e, com isto, a responsável pelos cuidados e trabalhos domésticos. Braga et al. (2018) apontam que este movimento das mulheres de classe média, teve influência da Revolução Industrial, implicando a maior ausência da presença junto aos filhos por um determinado período.

Especificamente em relação ao Brasil, Almeida (2007) faz referência ao lugar da mulher na família no Brasil Colônia. Tínhamos a família patriarcal, composta por membros consangüíneos ou não (pais, filhos, outros parentes, agregados e serviçais) que circulavam livremente no seio familiar. Havia o pai como a figura de autoridade na família e a mãe como aquela que cuidava dos filhos e das rotinas da casa. Os filhos viviam junto aos adultos e compartilhavam experiências com os mesmos. Embora houvesse particularidades nas diferentes regiões do Brasil, observava-se características de submissão das mulheres em relação ao patriarca. Nas famílias de camponeses, no entanto, tanto os homens como as mulheres trabalhavam. Conseqüentemente, as crianças acompanhavam seus pais nas suas atividades ou ficavam em casa sob a guarda de um irmão mais velho. Mudanças sociais e demandas familiares, segundo a autora, foram conduzindo à transformação da família patriarcal para um modelo de família nuclear. No século XIX, surge a família com o formato pai, mãe e filhos que

² Novamente, aqui parece se referir à mulher branca de classe média, em virtude do fato de mulheres negras ou menos favorecidas financeiramente já “trabalharem fora” (Carneiro, 2003) como domésticas em outras casas ou mesmo pensando em mulheres que trabalhavam no campo, dentre outras formas de trabalho feminino já existentes.

limitava suas trocas sociais aos avós, tios e primos. Embora a família tivesse agora o formato nuclear, as atribuições à mulher no seio familiar pouco mudaram. À mulher era dado o papel de boa mãe, cuidadora e educadora dos filhos, e de boa companheira, dando suporte para o homem (Almeida, 2007).

Assim, podemos dizer que a novidade de mulheres que se inserem no mercado de trabalho no Brasil é, portanto, uma novidade da classe média ou alta. Iaconelli (2019a) corrobora com as ideias de Almeida (2007) e Carneiro (2003), referindo que mulheres sempre trabalharam, o que mudou nas últimas décadas foi a maneira como se percebem essas atividades. Lembra que antes das leis trabalhistas, que protegem minimamente hoje os(as) trabalhadores(as) brasileiros(as), o trabalho era muitas vezes perigoso e insalubre para as mulheres: jornadas intermináveis, pouquíssimo descanso, assédio de chefias masculinas. Muitas vezes operado num sistema de semi-escravidão, problemas existentes ainda hoje, mas onde existem leis que visam a proteção de quem trabalha. As conquistas trabalhistas, aos poucos alcançadas, trouxeram mudanças de condições e de costumes, o que foi tornando o trabalho mais almejado e tido como mais motivo de orgulho pela emancipação que este pode trazer. Para muitas mulheres o trabalho tinha o viés de dar acesso à uma certa independência em relação ao homem.

Importante fato nas conquistas trabalhistas para as mulheres brasileiras foi a lei que as permitiu trabalhar no espaço público sem mais necessitar da autorização legal de seus maridos. Até 1962, a mulher casada só podia trabalhar fora se o marido permitisse. O código civil de 1916 impedia mulheres casadas inclusive de abrir conta em banco, ter estabelecimento comercial ou mesmo viajar sem a autorização dos maridos. A promulgação do Estatuto das Mulheres Casadas, em 1962, ampliou os direitos das mulheres, ao abolir tais proibições. Porém, foi só com a Constituição de 1988 que ficou expressa a igualdade de direitos e deveres entre mulheres e homens (Anjos, 2016). Vale a reflexão de que as leis se produzem a partir de certos

discursos e que, uma vez sancionadas, irão incidir sobre os sujeitos e a sociedade. As leis que permitiram às mulheres maior autonomia no espaço público tornaram possível que trabalhar fora pudesse representar ser mulher para além do espaço privado da casa e da família, bem como ir descolando a figura da mulher da figura da mãe.

Considerando o aspecto social, é notório que o universo da mulher e seu posicionamento vem mudando. Diante da tarefa de cuidar dos filhos, as mulheres que maternam e também trabalham (neste recorte de mulheres de classe média) buscam diferentes arranjos: avós, tias, babás, escolas de educação infantil são as soluções mais utilizadas. Algumas, eventualmente, podem contar com o auxílio do(a) companheiro(a). Já na história das camadas populares, raramente as mães puderam se dedicar inteiramente aos filhos. Nas famílias de classe popular a tarefa materna de cuidadora muitas vezes é dividida com membros da rede familiar mais ampla ou com vizinhos da comunidade (Fonseca, 2002).

O discurso social se produz socioculturalmente. Por este motivo, considerou-se importante situar tais aspectos nesta etapa da pesquisa, dando elementos para a etapa posterior, de reflexão sobre a incidência dos discursos sociais vigentes na subjetividade de mulheres, dentro do recorte investigado nesta pesquisa.

O não natural e o sofrimento na maternidade

Existe um discurso que idealiza a maternidade como algo instintivo e natural às mulheres, vivido como algo sublime e completamente satisfatório. Um discurso que considera haver um amor completo, não ambivalente, total pelos filhos. Porém, na prática esta está longe de ser a narrativa da maioria das mães que ouvimos em consultório. Badinter (2011, p. 70) refere: "Na verdade não existem dois modos de viver a maternidade, mas uma infinidade, o que impede de falar de um instinto baseado no determinismo biológico". Não seria o caso de negar

a natureza ou a existência dos hormônios da maternagem, mas de entender que há uma imbricação entre este fator, a cultura e a história pessoal de cada mulher (Badinter, 2011). Não há como definir um comportamento materno único, próprio à espécie humana ou à natureza feminina.

Vale lembrar que Margarete Hilferding (1911/1991), a primeira psicanalista mulher a participar dos encontros de quarta-feira da sociedade psicanalítica de Viena com Freud e outros psicanalistas, já trazia a ideia de que o amor materno não seria inato. Falando sobre a rejeição que muitas mulheres tinham no encontro com o filho ao nascer, ou mesmo nos casos de infanticídio. Já apontava para algo que por muito tempo foi subvalorizado e que na atualidade está sendo trazido novamente por psicanalistas que estudam o tema da parentalidade, sobre o amor materno não ser um sentimento inato, mas sim construído.

Em o “Mal Estar na Maternidade: do infanticídio a função materna” Iaconelli (2015) traz o recorte de um caso de infanticídio, demonstrando que aceder ao lugar de mãe depende de um processo de construção, envolvendo as possibilidades subjetivas da mulher, o discurso do Outro e dos outros ao seu redor. Chama atenção a ideia do *reconhecimento* como ato necessário para que uma mulher possa aceder ao seu papel de mãe e operar a função materna a seu modo. Apresenta o recorte de um caso onde uma moça chega a um hospital/maternidade se queixando de dores abdominais e é medicada com remédios para dor. O médico que a atende não percebe que ela está grávida. Há um não olhar de muitas formas colocado neste caso. A moça vive um aborto/ nascimento do seu bebê no banheiro do hospital/maternidade. Sem palavras inscritas na cena, a única pessoa a compartilhar o momento é uma amiga que a acompanha e que nada fala, apenas olha o bebê na lixeira e abraça a amiga. A moça faz sua medicação para dor e vai embora. O bebê é encontrado por uma funcionária do hospital e a equipe consegue salvá-lo. Chamada por telefone, a moça retorna ao hospital e lá se inscrevem palavras na cena: “tu és mãe de uma linda bebê”. A partir daí pode-se observar que a moça

passou a exercer a função materna, tomando nos braços seu bebê, iniciando-se a partir daquele ato de fala e reconhecimento um processo de maternagem. Só então pode operar o reconhecimento de ser mãe e vincular por nomeação aquele ser que dela nascera como *seu* bebê. Iaconelli se interroga e traz a reflexão sobre o nascimento de uma mãe, que necessita do *reconhecimento* de um Outro/outro. Outro aqui entendido como uma alteridade, que encarne o grande Outro. Essa operação de reconhecimento vai depender dos recursos de estruturação psíquica de cada sujeito, mas também do grupo de pertencimento deste, dos outros ao seu redor (Iaconelli, 2015). Este Outro que reconhece e autoriza o lugar do sujeito em sociedade, pode ser pensado também como o discurso da cultura.

Ao escrever o prefácio desta obra, Daniela Teperman aponta que o olhar e a escuta de Iaconelli nos dão a ver questões que envolvem o parto e a mulher para além daquela que porta o bebê, ou seja, para além da mãe. No discurso da cultura, historicamente, o nome “mãe” teve por muito tempo mais presença e força que o nome “mulher”. Não se pode medir em que grau a intensidade da presença do nome mãe está no discurso de nossa época. Mas, é fato que a nomeação “mãe” esteve colada ou sobreposta à nomeação “mulher” dos sujeitos de muitas gerações. Ser mulher estava colado a ser mãe, de modo que se naturalizou que toda mulher teria como destino a maternidade e que esta lhe era instintiva e natural. O trabalho de pesquisa e observação de Iaconelli (2015) demonstra que não é tão simples, nem natural para uma mulher nomear-se mãe. Em outras palavras, descola o ser mulher do ser mãe, demonstrando que, por sermos humanos/ sujeitos inseridos na linguagem, só se torna possível nomear-se mãe por um ato de *reconhecimento*. A autora observa e reitera que é necessária uma operação que construa numa mulher uma mãe. Corrobora, assim, com o que Badinter (1985/ 2011) já afirmava, contradizendo a cultura vigente de sua época (que ainda reverbera na nossa) de que ser mãe era natural e instintivo às mulheres. Neste trabalho, Iaconelli também traz uma discussão interessante sobre o discurso médico, dos especialistas, que coloca a mulher em um lugar à

parte de seu saber, em uma posição dessubjetivante em que não autoriza/reconhece seu modo próprio de ser e operar em sua maternidade. Refere Iaconelli (2015):

As intervenções médicas não são danosas em si mesmas, mas emergem de uma lógica dessubjetivante. Não nos parece que a mesma lógica que desautoriza a mulher a gestar, parir e aleitar lhe confira liberdade de escolha, uma vez que ignora que o sujeito é irremediavelmente dividido e que sua escolha implicará a formulação de um desejo que ele mesmo, por vezes, desconhece e que não prescinde de uma escuta atenta para ser reconhecido. Acreditamos que só refletindo sobre as bases nas quais as possíveis *escolhas* estão sendo feitas, mulheres e seus companheiros podem se beneficiar de uma situação em que a parentalidade se basearia no desejo dentro das possibilidades e limitações de cada caso e não segundo forças da natureza, e com isso poderíamos falar em humanização (p. 98).

Assim, se pode pensar que, para que um sujeito se nomeie e aceda à condição de mulher, a seu modo, é necessário um ato de reconhecimento do Outro/ outro/ cultura. Essa ideia de um discurso dessubjetivante, apontada aqui como discurso dos especialistas, leva a pensar em outro discurso conceituado pelo psicanalista Jacques Lacan (1972), o discurso do capitalista, que também anda nesta linha de assujeitamento ou dessubjetivação. Venho a seguir contextualizar a teoria dos discursos de Jacques Lacan, visando chegar no discurso social vigente, do capitalista, para posteriormente refletir sobre os atravessamentos dos discursos sociais sobre maternidade e trabalho nas falas de mães durante a pandemia e atualidade.

A teoria dos discursos e a maternidade

Em “O ato analítico”, Lacan (1967-68/2003) refere que muitos impasses ocorrem no exercício das funções parentais, pois desempenhá-las remete o sujeito à sua própria biografia como sujeito sexuado (dividido, faltante). Observa que, mais do que nunca, as posições subjetivas do ser são colocadas à prova quando os sujeitos se tornam pais. Pode-se pensar, assim, que as operações subjetivas que uma pessoa irá conseguir desempenhar com seu filho exigem certas condições, como nos situa Iaconelli (2019a), colocando o ser em impasses que dizem de sua própria biografia e dos discursos da cultura onde está inserido. As ideias de Iaconelli são consonantes com as de Lacan em sua teoria dos discursos (1969-70/1992; 1970/2003; 1972/2007). De acordo com esta teoria todo sujeito está irremediavelmente ligado ao Outro pelo laço social. Desta maneira, podemos afirmar que a questão dos conflitos vividos pelas mulheres que são mães e trabalhadoras, ou desejam ter uma vida profissional, não está somente na esfera singular. Para pensar sobre a subjetividade dessas mulheres e os conflitos presentes em suas falas e relatos faz-se importante, portanto, pensar sobre os discursos e ideias da cultura na qual estão inseridas enquanto sujeitos de linguagem, indissociados do laço e discurso social.

“O ser humano é humus que resta da linguagem” (Lacan, 1969-70/1992, p. 53). Para Lacan, estamos intimamente ligados à linguagem, somos seres essencialmente constituídos dela e nela. Em seu seminário 17, Lacan (1969-70/1992) vai explicar que as palavras são uma adaptação a uma estrutura de significantes. Há um funcionamento que se repete e que é emparelhado por palavras. Nós, enquanto sujeitos, nos adaptamos à estrutura que nos constitui com as palavras e esta estrutura é feita por significantes. S1- S2, S3, S4... Os significantes se repetem, diz ele, o que muda são os sentidos dados a eles por nossas interpretações. Os significantes são traços, marcas, registros e estes sozinhos não tem sentido. Só ganham sentido se associados, interpretados, falados. Explica que a fala é um efeito secundário a essas marcas significantes. Estes traços mnêmicos vêm da experiência, da relação com o outro. Lacan (1969-

70/1992) vai referir que o saber (cadeia de marcas significantes) é meio para o trabalho de gozo do Outro. Então, aquilo que experienciamos, sentimos, ouvimos, apreendemos do Real, fica registrado como marcas significantes, que formam uma estrutura, que precisa ser interpretada para ganhar sentido.

A teoria dos discursos de Lacan foi interpretada de diferentes maneiras. Couto et al. (2018) destacam seu uso como operador conceitual que permite interpretar as formas prevalentes de enlaçamento social ao longo da história do Ocidente, bem como uma forma de pensar os embaraços, os entraves e os labirintos da sociedade contemporânea, sobretudo do capitalismo atual.

É interessante marcar o que Lacan, em *Radiofonia* (1970/2003), diz sobre o inconsciente nada ter a ver com o conhecimento, mas sim com um saber e que os saberes são animados por um discurso. Vale lembrar que para Lacan o inconsciente produz uma função em progresso e que é de uma báscula do inconsciente que surge um discurso. Ressalto que este é um conceito importante, pois situa o discurso no campo do inconsciente, mas fazendo laço com o social. Dá ao inconsciente uma dimensão de experiência, de ato e aos discursos uma dimensão de não fixidez, de possibilidade de giro. Nesta teoria, entre saber e verdade existe uma disjunção sempre, o que diria da impotência, de uma barreira ao gozo. As verdades, conseqüentes dos discursos, são armadilhas, ficções. Como refere D'Agord (2013): “O matema dos quatro discursos revela que não há como o saber recobrir a verdade. Portanto, a verdade tem a estrutura de ficção. Isso não é algo que nos condena, mas justamente nos liberta do absoluto” (p.445).

Na teoria dos discursos temos que a dimensão do Real está em todo discurso. É ao mesmo tempo o que o produz e o sustenta. Na perspectiva desta teoria o Real é da ordem do impossível, não podendo ser demonstrado, mas ali está, produzindo e sustentando os discursos onde um sujeito pode situar-se. Assim, estes são uma maneira de lidar com o Real, o vazio, a

falta ou o que não cessa de não se inscrever (Couto et al., 2018). Quer dizer que todo discurso onde um sujeito possa estar situado contém uma dimensão de incompletude, de insustentabilidade, por isso de caráter dinâmico. A verdade que os discursos velam é a de que sempre haverá uma falta, uma dimensão de incompletude que nos constitui. Lacan (1969-70/1992) refere que todo discurso traz em si algo de impossibilidade ou impotência. Por isso diz que o sujeito é o fracasso do ideal, pois é incompleto.

Quatro são os discursos inicialmente propostos por Lacan (1970/2003): do mestre, universitário, da histórica e do analista. Lembra as profissões impossíveis, referidas por Freud: educar, governar e analisar, fazendo uma aproximação aos discursos do mestre (governar), universitário (educar) e do analista (analisar). Já o discurso histórico, seria aquele capaz de questionar o mestre, mostrando que este é castrado, faltante.

No seminário 17 (1969-70/1992), o psicanalista propõe que os discursos tenham a estrutura de matemas compostos por quatro elementos: S1, S2, a e \$.

S1= significante-mestre;

S2= o saber;

“a”= mais de gozar.

\$= o sujeito;

Estrutura dos quatro discursos:

Discurso do Mestre	Discurso da Universidade
$\frac{S_1 \rightarrow S_2}{\$/a}$	$\frac{S_2 \rightarrow a}{S_1/\$}$
Discurso da Histórica	Discurso do Analista
$\frac{\$/S_1}{a/S_2}$	$\frac{a \rightarrow \$/S_1}{S_2}$
Os lugares são:	
$\frac{\text{o agente}}{\text{a verdade}}$	$\frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$

Nota: o quadro faz referência ao seminário 17 (Lacan, 1969-70/1992, p. 72 e 179).

São elementos que marcam os discursos mas não são fixos, são intercambiáveis (Lacan, 1970/2003). Nos matemas há um circuito de elementos que podem ocupar qualquer dos quatro lugares, desde que seja mantida a ordem entre eles. “A seriação ou ordenação dos elementos é um limite, é um ‘não’ que define a estrutura do matema dos quatro discursos” (D’Agord, 2013, p.442). D’Agord explica que:

Em ‘Radiofonia’ Lacan explicita esse limite do matema: 1. fica limitado por um não, por não ser possível a um vetor chegar à verdade; 2. fica limitado ao número de quatro por uma revolução não permutativa de sua posição em quatro termos. E os operadores seriam a progressão e a regressão em relação à verdade: a verdade da castração. Aqui a lei aparece não na exigência do giro em um quarto de volta dos elementos nos quatro lugares, mas na impossibilidade e impotência em se furtar à castração (D’Agord, 2013, p.442).

Esta passagem no texto de D’Agord (2013) nos aponta para a marca da castração existente nos quatro discursos. Então, nestes discursos inicialmente propostos por Lacan, que definem o sujeito pelos efeitos da linguagem e do laço com o social, temos uma seriação não cambiável (S1- S2- a- \$), que marca a impossibilidade e a impotência do sujeito de se furtar à

castração, ou seja, marca a presença de um não, de uma falta constituinte. A esta série é possível girar em um quarto de volta, para trás ou para frente, permitindo que o sujeito ocupe diferentes posições entre os quatro lugares marcados como fixos em estrutura (agente, outro/saber, verdade, produção). Dizer que o sujeito pode estar situado em diferentes posições discursivas, ou seja, que ora pode situar-se numa posição que marca um discurso do mestre, ora universitário, histórico ou do analista, é importante para pensarmos os sofrimentos subjetivos e as possibilidades de deslizamentos para enfrentá-los.

Na medida em que Lacan (1972/2017) vai apresentando o discurso do capitalista vemos que se trata de um discurso fechado em si mesmo, tendendo a tamponar a falta do sujeito na estrutura que o constitui. Lembremos que para haver o sujeito desejante é preciso a marca da falta, da incompletude.

O mal-estar em nossa época e o Discurso Capitalista

Freud, em “O mal-estar na civilização” (1930/1988), nos ensina que este mal-estar advém de três forças: da natureza, da decrepitude do corpo e da relação com os outros homens. Por mais desenvolvidos que sejamos, em termos tecnológicos, não conseguimos dominar o outro, nem as forças da natureza, nem a decrepitude. Faz parte da condição humana falharmos, faltarmos. Nem sempre alcançamos nossos objetivos e desejos. Mas e quando temos um ideal capitalista na cultura que diz: “sim, nós podemos!”, “podemos tudo!”, um superego que diz “goza!”, que tipo de mal-estar estaria aí colocado? Podemos pensar na teoria dos discursos de Lacan para pensarmos sobre o mal-estar de nossa época. Correntemente ouvimos falar que o discurso do mestre ou o discurso vigente atual é o discurso do capitalista.

Segundo Dunker (2019) “a única vez em que Lacan escreveu sobre o discurso do capitalista, na forma de um matema próprio e diferente do discurso do mestre, deu-se em Milão a 12 de maio de 1972, na conferência que tinha por título original ‘Do Discurso do Psicanalista’” (Dunker, 2019, p.109). Este encontro ficou conhecido também como “Conferência de Milão de 1972”. Foi lá que surgiu a fala de que o discurso do capitalista substitui o do mestre. Dunker aponta que o discurso do capitalista já era apontado por Lacan desde a saída como destinado a explodir. Assim refere Lacan (1972/2017, p.49):

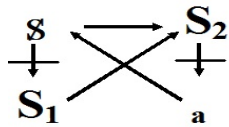
(...) a crise não do discurso do mestre, mas do discurso capitalista, que é o substituto dele, está aberta. De jeito nenhum lhes digo que o discurso capitalista seja medíocre; é, pelo contrário, algo loucamente astucioso. Loucamente astucioso, mas destinado a explodir.

Nesta conferência Lacan (1972/2017) diz que o sentido e a significação advém por efeito de uma derrapada dos significantes. Que os significantes seriam como o estilo, um estilo que já estava lá antes mesmo do sujeito. Não se trata daquele que fala, mas daquele que é falado pelo ser falante, ou seja, o sujeito do inconsciente. Este entra na cadeia dos significantes pela via da linguagem. O mundo sucumbe à linguagem, aponta Lacan (1972/2017). Reforça que a incidência dos significantes, ligados à linguagem, nos dá a definição/constituição que temos de mundo.

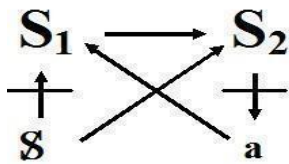
Dunker (2019) chama a atenção para a insistência do uso do termo “derrapagem” nesta conferência de Lacan. Derrapagem do significante leva a pensar na não fixidez e na possibilidade de giros dentro dos discursos, na possibilidade de mudanças de uma estrutura discursiva a outra, podendo passar do mestre ao universitário ou ao histórico, por exemplo (como já vimos que Lacan referia anos antes em Radiofonia, 1970/2003). Porém, no discurso do capitalista há a inversão do significante mestre (S1) - antes acima e à esquerda - pelo sujeito

($\$$) - antes abaixo à esquerda - tornando este discurso insustentável, com características diferentes dos outros quatro. Observa-se que as setas também denotam este circuito que fecha-se em si mesmo:

Discurso do capitalista



Discurso do mestre



Nota: figuras dos matemas do discurso do capitalista e do mestre extraídos do texto Do Discurso Psicanalítico (Conferência de Lacan em Milão em 12 de Maio de 1972) Tradução: Sandra Regina Felgueiras (Lacan, 1972/2017, p.40).

Assim Lacan (1972/2017) refere:

(...) o discurso capitalista está ali, vocês veem (...) uma pequenininha inversão simplesmente entre o S_1 e o $\$$ (...) basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consuma (p. 48).

Neste discurso o que se percebe é uma espécie de manipulação premeditada, acelerada e controlada desta derrapagem e esta é a astúcia e a novidade neste discurso (Dunker, 2019). Dunker ressalta a evidência de três alterações no discurso do capitalista expostas nessa passagem de Lacan: que a inversão entre significante mestre (S_1) e sujeito ($\$$) lembra o tema

da ideologia como inversão entre real e ideal; que a aceleração no ritmo de trocas gera alterações estruturais discursivas; e que a presença da expressão “se consome tão bem que se consoma” nesta fala de Lacan aponta para a radicalização de sentido do consumir como destruição. Dunker (2019) refere que, nesta conferência de 1972, Lacan já estava atento às mudanças de um capitalismo de matriz liberal para matriz neoliberal. Justificando a passagem de um supereu freudiano que diz “não” a um supereu lacaniano que diz “goza” (p.126).

Braunstein (2010) explica que o capitalista renova o milenar discurso do mestre. O próprio, em sua condição de sujeito (\$), assume o lugar dominante que ocupava o significante mestre. Na fórmula do discurso capitalista, o agente é o mesmo que na histeria, o sujeito (\$) dividido e desejante, sujeito do inconsciente. Porém, não é o agente (\$) quem se dirige ao saber (S2), para que produza “objetos a”, forçando-o a atuar de acordo com sua vontade. O que se observa com as setas que produzem um circuito fechado. Braunstein explica que quem continua ordenando é o S1: o moderno mestre capitalista.

O agente do discurso capitalista “faz semblante” de ser o mestre, acredita não estar sujeitado a nada. É o sujeito, desconhecedor de sua incurável divisão, de sua servidão a essa ‘verdade’ que o transcende; é o sujeito que a fenomenologia sociológica de nosso tempo, influenciada pela psicanálise, chama ‘narcisista’. O narcisismo seria a apresentação clínica induzida pela dominância do discurso do capitalista (Braunstein, 2010, p.152).

O quinto discurso, ou quarto discurso mais um, ou discurso do mestre moderno, proposto por Lacan, segundo Braunstein (2010), designa uma transformação do discurso do mestre desde um encontro deste com as ciências. Encontro que se anuncia com objetos técnicos que se inventam a partir das ciências, designados “servomecanismos”. O autor aponta para um discurso ainda além do capitalista. Observa que na Conferência de Milão de 1972 Lacan evidencia a presença do discurso do capitalista e traz ainda traços de um novo, um sucessor, ou

um sexto discurso a "bater às nossas portas". Braunstein o chama de "discurso dos mercados" ou "pós capitalista" (Braunstein, 2010, p.154). Aponta um discurso onde o lugar do agente seria um ser sem rosto, que não diz palavra alguma (somente imagem?). A lógica discursiva dos mercados apresentar-se-ia como um conjunto de vai e vem cibernéticos, fora do tempo e do espaço, sem sujeito nem fins. O semblante seria do mercado com seus fluxos de capitais, deixando assim o sujeito de fora. Lógica que levaria o supereu a demandar: Goza!. "Uma ideologia da forclusão do sujeito, cuja máxima expressão se encontrará na doxa econômica que postula que os mercados funcionam sozinhos" (Braunstein, 2010, p.157). Interessante quando aponta a internet enquanto ocupante do lugar de agente. Segundo o autor, a internet propõe significantes imagéticos que podem se ajustar. Refere que ao agente internet o sujeito pergunta: "quem sou?" e ela lhe responde: "podes escolher!", numa operação que exclui o sujeito do laço social. No discurso do capitalista ou no sexto discurso, de mercado, não haveria espaço para o sujeito questionar a demanda nem se perguntar sobre seu desejo.

Como vimos, a posição discursiva que um sujeito desejante pode ocupar é variável, comportando um quarto de giro nas estruturas propostas inicialmente por Lacan. O discurso capitalista ou mesmo dos mercados, como propõe Braunstein (2010), aparece como exceção a este funcionamento, apresentando-se em forma de um circuito fechado que não favorece a presença da castração, não favorecendo o sujeito desejante, questionador, faltante. Tomarei duas variações de discursos descritas, onde há a inscrição da castração, para pensar sobre saídas possíveis ao sofrimento imposto pelo discurso capitalista. O discurso histórico e o discurso do analista.

No seminário 17, Lacan (1969-70/1992) refere que o discurso da histórica desvela a onipotência do mestre e o coloca como incompleto, que o mestre é barrado. Reflito: as mulheres ficaram por tanto tempo sendo apagadas e reprimidas em suas falas. O que suas falas e discursos representavam e ainda representam que precisam ser interditas? O discurso histórico faz a

função de questionar o instituído. Por isso, inclusive, é esperado que um sujeito em análise possa ocupar essa posição. É possível imaginar por que socialmente esta posição discursiva seja tão incômoda, na medida que questiona normas, ditos e, enfim, poderes instituídos. Parece, então, haver na estrutura do discurso histórico, uma possibilidade de questionamento dos ditos, dos ideais, na medida que aponta para a castração do mestre. Faz pensar se as mulheres, incluindo as feministas, tomadas por seu movimento de questionar o instituído, seriam uma parte importante de sujeitos que estariam fazendo frente ao mestre moderno (o capitalista ou o mercado) e assim possibilitando furos no discurso social vigente, do capitalista?

Temos também o discurso do analista. Neste, há espaço para questionar a demanda do sujeito, trazendo à tona questões sobre o desejo. “A dimensão que sustenta o encontro (no discurso do analista) é justamente a não satisfação das demandas, a não resposta às perguntas, a oportuna denúncia da ilusão da idealização” (Braunstein, 2010, p.162). Uma diferença entre o discurso dos mercados e do analista, diz Braunstein, estaria em que no discurso dos mercados teríamos como produto S1 (significantes mestres) coletivos, de massa, a tamponar a falta e serem facilmente descartados pelo sujeito, enquanto no discurso do analista haveria uma produção de S1 para a singularidade do sujeito e seu desejo.

Observa-se que tanto no discurso capitalista, que Lacan teorizou (1972/2017), quanto, indo mais adiante, no discurso do mercado (Braunstein, 2010), a ideia é de que ambos funcionam de modo a não favorecer a presença da falta ou furos às idealizações. Como já vimos, Lacan nos ajuda a pensar que este quinto discurso, que diz: “dê conta”, está fadado a explodir, não se sustenta, “consume e se consuma” (Lacan, 1972/2017). Não se sustenta porque não comporta o humano, o faltante que nos constitui enquanto sujeitos, por isso está fadado a explodir. Para este trabalho, que pretende pensar na incidência do discurso social vigente sobre a subjetividade de mulheres, penso que estas duas variações discursivas – da histórica, que questiona o instituído, e do analista, que busca não responder às demandas – são discursos

importantes de serem pensados como saídas possíveis para que os desejos dos sujeitos que se nomeiam mulheres e mães possam se inscrever, fazer marca no laço social e assim serem possibilidades de fazer frente ao engolfamento ou assujeitamento que o discurso do capitalista impõe.

Tempos de pandemia

No mês de dezembro de 2019, foi descoberto na China um novo coronavírus (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 ou SARS-CoV-2), identificado como agente etiológico de um surto de pneumonias. A enfermidade passou a ser nomeada de COVID-19 (Coronavirus Disease - 2019), classificada como pandemia devido a sua rápida dispersão e transmissibilidade e pela sua internacionalização, atingindo outros continentes (World Health Organization - WHO, 2020). A Organização Mundial de Saúde (OMS) define pandemia como uma disseminação mundial de uma nova patologia. Diante do aumento do número de casos, óbitos e países afetados, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o episódio constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, sendo mais tarde declarada como uma pandemia. No Brasil, em meados de fevereiro de 2020, foi declarada como uma situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Em virtude do isolamento social e o fechamento das escolas, por motivos de saúde pública, muitas mulheres passaram a se queixar de uma sobrecarga de trabalho e estresse emocional.

A pandemia incidiu em uma certa suspensão subjetiva, exigindo um tempo necessário para elaborar as vivências de medo, angústia, incertezas, bem como em mudanças de rotina de vida. Após o baque e o susto inicial que pôs tudo em suspensão, o tempo, o desejo, as leituras,

a escrita, a possibilidade de encontros com as mães que pretendia entrevistar, etc., o encontro com as ferramentas virtuais trouxe ao nosso grupo de pesquisa (NEPIs) uma luz. Os encontros com o grupo, bem como com a orientadora, voltaram a acontecer de uma forma diferente, mas possível, pelos meios virtuais. Neste retorno dos encontros, logo comentamos a nossa percepção (e também a própria vivência para algumas de nós que somos mulheres e mães) das falas de mulheres carregadas de angústia, queixas e sobrecarga em acumular diferentes trabalhos. Aqui faço uma referência importante que envolve o campo de desejo desta pesquisa: o fato de ser também eu mulher, mãe e profissional certamente motivou e influenciou nesta construção. Com o isolamento social veio a suspensão das aulas presenciais dos filhos, dos trabalhos de auxiliares de limpeza, dos restaurantes para o almoço e janta, dentre tantos outros terceiros que auxiliavam antes na rotina das famílias, impactando nestas relações. As queixas ouvidas giravam muito em torno de ter que acumular as tarefas do lar, dar suporte aos filhos (principalmente aos pequenos) nas atividades escolares - agora em formato online - com as demandas de seus trabalhos profissionais (para algumas de forma remota, outras presenciais). Enfim, uma série de atividades, especialmente as que envolviam o cuidado, que antes contavam com o suporte de outros (geralmente mulheres) na logística destas atividades. Pensamos que uma pesquisa que visasse coletar relatos de forma livre poderia servir tanto como um desafogamento destas angústias com um endereçamento simbólico à uma escrita narrando de suas vivências, quanto como fonte de rica pesquisa a pensar a subjetividade das mulheres que são mães neste período de pandemia, em nossa cultura.

Junto disso, nosso grupo de pesquisa atentou para uma matéria “Women academics seem to be submitting fewer papers during coronavirus”, publicada em 24 de abril de 2020 na revista *The Lily*, revista pertencente ao grupo *The Washington Post* (2020). Tal matéria apontava para o fato de profissionais mulheres no meio acadêmico estarem enviando menos publicações em comparação aos homens, os quais teriam tido um aumento de 50% de envio de

publicações. Outra pesquisa (Saraiva et al., 2020) também apontou para efeitos relacionados aos prejuízos de rendimento profissional, refletindo serem maiores em famílias com filhos, naquele período investigado da pandemia. Embora nesta pesquisa não tenha sido levado em consideração o gênero dos pesquisadores, pesquisas desenvolvidas (Aita Ivo & Foggiato Ferreira, 2019; Lima et al. 2015; Tavares & Parente, 2015) verificaram importantes diferenciações no que diz respeito à influência do gênero sobre as condições da carreira científica. Tudo isso levou ao desenvolvimento do projeto de pesquisa: “Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social” (Silva et al., 2020). Encontrei, assim, a possibilidade de seguir pesquisando sobre meu tema de interesse (mulher, maternidade e trabalho) agora contextualizado ao período da pandemia.

Feitos os trâmites acadêmicos e junto ao Comitê de Ética em Pesquisa pudemos, então, lançar nosso projeto nas redes sociais, convidando mulheres que são mães a nos relatarem suas experiências a partir da pergunta: “Como tem sido para você ser mulher e mãe em tempos de pandemia e isolamento social?”. Isso foi possível ao fim do mês de junho de 2020, decorridos três meses de isolamento social. A pesquisa foi divulgada a partir do Whatsapp, Facebook, sendo possível para as participantes escreverem sem limite de caracteres. Optou-se por não coletar outros dados como idade, cor, classe social, visando que a escrita viesse como em um desabafo e também considerando o fato da queixa recorrente ouvida de mulheres ser justamente a questão da sobrecarga vivida. Dessa forma, foram coletados cerca de 340 relatos, no período aproximado de dois meses de coleta.

MÉTODOS

A obra de Freud assemelha-se à construção de uma ponte. Mas isso não nos conduz a parte alguma se nós mesmos (enquanto pesquisadores psicanalistas) não fixamos uma meta e não projetamos um itinerário. Essa ponte pode levar, parafraseando Brodsky, “para onde ninguém nunca esteve antes, mais longe, talvez, de quanto teríeis desejado. (Ricci, 2005, p. 16)

A construção desta pesquisa partiu da escuta clínica de mulheres em conflito entre maternar e retomar a vida profissional, conflito que muitas vezes trazia o sentimento de culpa. Em certo momento da escrita passei a ler/escrever como conflito entre os desejos de ser mãe e trabalhar fora. Por que esses desejos muitas vezes conflitam? Fui listando diversas perguntas em torno do tema “mulheres que são mães e trabalham” que foram me fazendo questão ao longo da pesquisa antes e no decorrer da pandemia. Destacaram-se questões em torno dos discursos sociais, dos ideais da cultura e suas demandas e a possível influência destes na subjetividade de mulheres na atualidade, em sua relação com a maternidade e o trabalho.

Para pensar o método, utilizei alguns autores que vêm pensando e escrevendo sobre o tema da pesquisa psicanalítica. Nos textos e artigos consultados temos que a transferência, a escuta e o desejo do pesquisador são o motor da pesquisa. Figueiredo e Minerbo (2006) lembram a ideia de Freud que a psicanálise, simultaneamente, é um procedimento para a investigação de processos mentais inconscientes, um procedimento terapêutico e um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto.

Iribarry (2003) no artigo “O que é a pesquisa psicanalítica” traz a ideia de que o campo dessa modalidade de pesquisa é o inconsciente, o objeto é o enfoque a partir de uma posição do psicanalista/pesquisador a fim de aceder ao inconsciente e o método é a transferência. Lacan (1958/1998) refere que o analista sustenta autenticamente sua práxis. Ou seja, que está implicado em seu fazer com sua leitura e com o seu desejo. Iribarry (2003) chega a referir que

o pesquisador psicanalítico é o primeiro sujeito de sua pesquisa. De acordo com Laplanche (1987, citado por Iribarry, 2003) o tipo de experiência de que se trata está relacionada à tradução do alemão da palavra *Erfahrung*, isto é, uma experiência que se transforma em aprendizado e saber.

Erfahrung é o sentido da experiência que interessa ao pesquisador psicanalítico, pois sua investigação é da ordem de uma aprendizagem. Quando o pesquisador psicanalítico realiza sua investigação, o faz de modo que não apenas cite e recite teorias para em seguida validar suas aplicações empíricas; sua meta é de maior alcance: trata-se de problematizar um aspecto do campo psicanalítico e oferecer uma contribuição que não seja limitada pela confirmação da teoria. (Iribarry, 2003)

Assim, a pesquisa psicanalítica tem por finalidade a produção de um texto metapsicológico (Caon, 1994) que contribua para a continuação da construção e manutenção de sua teoria. Beividas (1999) e Elia (1999) comungam da ideia de que não exista pesquisa psicanalítica sem levar em conta a transferência e o envolvimento do pesquisador. Além disso, debatem sobre o tipo de transferência que ocorre em tal pesquisa. Beividas faz uma crítica a um excesso de transferência presente nas pesquisas nesta modalidade, se referindo a um excesso de transferência às pessoas de Freud e Lacan, bem como a seus ditos. Elia concorda que esse tipo de transferência exista, mas que não se trataria de um excesso e sim de um tipo de transferência imaginária, uma transferência assujeitada ao Outro. Este debate traz uma reflexão importante ao sinalizar que este tipo de transferência acabaria por não contribuir para a renovação do campo psicanalítico, apenas repetindo aquilo que já foi dito.

Estas leituras elucidam que a pesquisa psicanalítica precisa passar pelo trilhamento conceitual de seus autores e pela experiência e implicação do pesquisador. A partir desse processo podem ser lançados novos questionamentos e reflexões acerca do seu campo.

Freud (1937/1988) em “Construções em Análise”, diz que as conjecturas do analista são preliminares às construções do analisante e que somente *a posteriori* é que teremos vista aos efeitos dessas construções. Isso implica em dizer que a prática psicanalítica é viva, que está sempre se construindo. Em uma analogia, pode-se pensar que nas “construções em pesquisa psicanalítica” o pesquisador fará uma leitura dos significantes em sua escuta e anotações/escritas para posteriormente apresentar para um público seu texto, público este tido como um lugar da alteridade, convidada a examinar os achados e seguir em construções. Pode-se pensar o orientador também como ocupante do lugar de alteridade, assim como o grupo de pesquisa, colegas com quem compartilhamos e discutimos os achados teóricos e de escuta neste processo.

O pesquisador psicanalítico vai instrumentalizar sua transferência ao texto composto pelo dado coletado de modo que possa identificar significantes já escandidos pelo autor do texto como também efetuará um trabalho de escansão de significantes que a legibilidade do texto permite. O trabalho de leitura dirigida pela escuta psicanalítica é o que caracteriza o laboratório do texto psicanalítico, quando o pesquisador irá construir o ensaio metapsicológico. Há um trabalho de leitura dirigido pela escuta, em que o pesquisador procura identificar, de modo semelhante à clínica, as falhas e tropeços de um discurso realizado, neste caso, através da escrita. (Caon, 1996, citado por Iribarry, 2003, p. 127)

Por definição, a Psicanálise entende o sujeito como indissociado do seu contexto social, pelo laço com o Outro. A chamada psicanálise em extensão ou extramuros aborda aquilo que diz da prática psicanalítica não estritamente ligado à situação do tratamento, mas referente ao sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos (Rosa, 2004). Essa modalidade de pesquisa foi nomeada por Freud de psicanálise aplicada. Segundo Rosa (2004), Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921/1983) e em “Mal-estar na Civilização” (1930/1988)

demonstra as modificações psíquicas que a influência das instituições impõem ao indivíduo e considera que a entrada na vida social impõe modificações ao sujeito. Relaciona a constituição psíquica e formas de enlaçamentos sociais, demonstrando que a cultura se refere ao saber e poder que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e adquirir bens para satisfação das necessidades humanas. A autora (Rosa, 2004) afirma que no Seminário 16 Lacan sugeriu a substituição da energética freudiana pela economia política, afirmando a dimensão histórica em sua teoria. Desta forma, conclui estarem presentes na psicanálise as relações com as ciências afins, assim como a articulação entre o sujeito e o campo sociopolítico “possibilitando tomar a pesquisa de psicanálise em extensão como um dos campos da Psicanálise, dispondo de dispositivos e metodologia para tal tarefa” (Rosa, 2004, p.337).

Pode-se afirmar, então, que esta pesquisa se enquadra na chamada psicanálise em extensão, sendo este um método válido para pesquisar os efeitos dos discursos sociais sobre a conflitiva das mulheres que são mães e trabalham na atualidade. Realizei uma revisão na teoria psicanalítica em conceitos que conversam com o tema de pesquisa: o universo das mulheres no que se refere à maternidade e trabalho e os discursos sociais. Esta consulta na teoria deu base para articular reflexões e ideias surgidas ao ler os relatos coletados em período de pandemia, bem como questionamentos anteriores advindos da prática clínica da pesquisadora. Esta articulação operacionalizou a construção de uma pergunta que deu norte às reflexões, hipóteses e conclusões possíveis nesta dissertação: *como incidem os discursos sociais vigentes na subjetividade de sujeitos que se nomeiam mulheres, mães e profissionais na atualidade, levando em consideração o contexto da pandemia?*

Os relatos utilizados foram os coletados na pesquisa: “Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social” (Silva et al., 2020) da qual faço parte. Conforme referido anteriormente, tal pesquisa lançou nas redes sociais a pergunta: “Como tem sido para você ser mulher e mãe em tempos de pandemia e isolamento social?”.

Foram coletados cerca de 340 relatos, por escrito. A estratégia de coleta de dados não incluía um limite de caracteres, visando proporcionar uma escrita livre. Não se fez questionamentos sobre dados gerais das respondentes, considerando a já referida sobrecarga vivenciada pelas mulheres. Para além de obter dados para pesquisa, priorizou-se proporcionar um momento de desabafo e inscrição de suas narrativas. Pretendeu-se oferecer também uma certa rede de apoio naquele momento. Com isto, não foi possível afirmar o perfil sociodemográfico das mesmas, sendo esta uma limitação da pesquisa. Porém, se faz relevante a observação de um viés socioeconômico que, não intencionalmente, se deu em função da maneira como foram coletados os relatos, via redes sociais. Pelo teor dos relatos é provável que se trate de mães de classe média, que puderam, em sua maioria, manter-se em distanciamento social durante a pandemia e que antes dela podiam pagar por serviços de cuidado dos filhos e da casa. Sabemos que as desigualdades sociais, inclusive entre as mulheres, tornou-se ainda mais evidente neste período, trazendo diferentes possibilidades de enfrentamento da mesma, acarretando que outras particularidades provavelmente se colocariam.

Utilizei como critério para selecionar os relatos aqueles que traziam alguma referência aos significantes maternidade e trabalho. Lancei mão ainda de anotações de fragmentos e significantes que foram surgindo e produzindo questões neste processo.

Foi utilizada a técnica da leitura dirigida pela escuta psicanalítica (Caon, 1996, citado em Iribarry, 2003) dos relatos, da teoria consultada e das anotações da pesquisadora, para a construção do texto/dissertação a ser apresentado para as alteridades. Deste modo, foi através da transferência entre a pesquisadora e as narrativas escritas de alguns relatos, articulando com a teoria e com a fala vinda das alteridades nos momentos em que o texto em construção foi apresentado (como na qualificação e orientações), que o texto final da dissertação se produziu. A transferência também ocorreu com o próprio exercício de leitura do texto ao longo de sua construção.

Vale lembrar que por trabalhar com o inconsciente, a pesquisa psicanalítica não pode contar com uma sistematização fechada, pela imprevisibilidade do mesmo, e que este modelo de pesquisa pressupõe uma singularidade e um estilo do analista/pesquisador (Iribarry, 2003). Importante ressaltar que esta pesquisa se dá com o recorte de um tempo, de uma região e de uma sociedade com diversidades culturais e raciais. Entendo que toda análise pontual implica no risco de homogeneizar impropriamente experiências que são heterogêneas. Trabalhar com o inconsciente como campo, é entender o sujeito atravessado pela história que o antecede, pelas relações familiares e sociais, por discursos culturais e políticos que o produzem. Mas também que cada sujeito tem sua maneira de se relacionar com os mesmos, é marcado de diferentes maneiras pelas experiências vividas que estão na ordem do singular. É na escuta do sujeito ao mesmo tempo singular e social/cultural que essa pesquisa se debruçou. Busquei refletir acerca da subjetividade de sujeitos que se nomeiam mulheres e mães na experiência da pandemia, levando em conta nossa cultura e seus efeitos nos sujeitos de nosso tempo.

Lembro ainda que há uma ética que baliza e orienta nosso posicionamento e trabalho em psicanálise. Citando Giancarlo Ricci: “A psicanálise é projetada como uma cidade sem muros e sem fortificações, como uma ‘fábrica de pensamento’ livre para a pesquisa e governada por uma única política, a da ética” (Ricci, 2005, p. 15).

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passo, então, à leitura dirigida pela escuta psicanalítica dos relatos. A escrita a seguir diz daquilo que foi me tocando, a dialogar com os relatos e a revisão de literatura, buscando fazer costuras, na construção de um texto que possa tecer novas reflexões.

Para a psicanálise o sujeito é atravessado pela cultura e pelo discurso social do qual, como sujeito de linguagem, faz parte. O sofrimento não é sem articulação com o mal-estar e o sofrimento de uma época e cultura (Dunker, 2015). Homercher e Iensen (2020) referem que “crises econômicas, guerras, transições culturais, rupturas de paradigmas, entre outras situações do campo coletivo, podem gerar novas formas de viver e de estar no mundo, novas subjetividades, e a clínica psicanalítica é parte dessas transformações” (p.13). Assim, acredito que a pesquisa psicanalítica tem também importante participação na construção discursiva de uma época. Realizar uma pesquisa em meio a uma pandemia tornou esta pesquisa ainda mais rica, embora sofrida. Procurei atentar para fatos históricos coletados na revisão de literatura e aos discursos de nosso tempo, para pensar sobre a subjetividade dos sujeitos que se nomeiam mulheres. A pandemia tem um peso imenso no relato dessas mulheres, mas estes também revelam conflitos e realidades vividas antes dela. Apresentar este texto ao meio acadêmico visa ainda, se possível, fazer ecoar no discurso social reflexões acerca do universo das mulheres que são mães. Utilizarei a revisão de literatura, especialmente com a teoria dos discursos de Lacan, entre outros autores que escreveram sobre o tema do universo feminino, parentalidade e maternidades, para auxiliar esta discussão.

Dar conta de tudo: filhos, trabalho, casa, beleza, casamento...

Entre tantos aspectos que os relatos trouxeram, a preocupação em ter que dar conta de tudo se tornou a mais evidente em minha leitura. Por isso, inicio a apresentação dos relatos falando deste aspecto. Junto dele as palavras esgotada, cansada e sobrecarregada estiveram presentes. É fato que um certo malabarismo entre tantas tarefas e responsabilidades faz parte da vida de tantas mulheres, mesmo fora da pandemia. Um “se vira nos trinta” para dar conta de

cuidar dos filhos, da casa, do relacionamento conjugal, da beleza e do trabalho. Dar conta de cuidar. Esse estado de tensão em meio ao caos na vida da mulher que materna e também trabalha muitas vezes se naturaliza, em falas que definem que ser mulher é mesmo isso: ser guerreira, batalhadora, driblar as dificuldades para garantir a paz mundial. Não é um excesso falar assim, basta fazer uma busca no Google com as palavras mulher, maternidade e trabalho. Surgem inúmeros sites, reportagens e blogs falando sobre a difícil arte de encontrar equilíbrio em ocupar estes lugares (mulher, mãe e profissional) que lhe exigem executar multitarefas. Defendem a ideia de que é difícil, porém possível³. Em um blog encontrei dicas, vendendo a ideia de que tudo é questão de organização. Se priorizarmos uma coisa em detrimento da outra, dá para fazer (/ser?) tudo⁴. Neste mesmo blog a autora cita Deepak Chopra (2005)⁵, referindo que “o mundo nunca mudou por ações de políticos ou cientistas e sim são as mães que possuem as chaves para curar nosso planeta ferido”. Assim, temos no discurso da cultura essa ideia posta de que condiz às mulheres dar conta de tudo. Este traço esteve potencializado durante o período de pandemia em que coletamos os relatos. A condição de urgência e distanciamento social fez com que muitas famílias estivessem mais juntas, convivendo dentro de casa, como nos trouxeram diversos relatos. Vamos a eles?

Os significantes “total”, “não dou conta” e “impotente”

Juliana (Relato número 1): *“Minha filha tem 1 ano e 7 meses, ela nunca foi para creche.*

*Este ano havia planejado retornar **totalmente** a minha vida profissional, o que acabou*

³ <https://escoladepais.org.br/mulher-mae-e-profissional-o-equilibrio-difícil-porem-possivel/> coletado em 10 de novembro de 2021.

⁴ <http://www.sermelhor.com.br/pais/ser-mulher-mae-e-profissional-questoes-atuais.html> coletado em 10 de novembro de 2021.

⁵ CHOPRA, Deepak (2005). A paz é o caminho. Acabando com a guerra e a violência. Tradução Cláudia Gerpe. Rio de Janeiro: Rocco.

*sendo adiado com a pandemia. Ser mãe, esposa e dona de casa em tempo integral tem me deixado frustrada, ansiosa e muito cansada. Trabalho muito pouco quando e se consigo. Amo ser mãe, mas nesta idade a sensação que tenho é que **não dou conta** de inventar tantas atividades. Não é uma queixa, mas me sinto **impotente** e olha que sou muito criativa. Ela é uma criança maravilhosa, esperta e rapidinha, mas é muito desgastante. Jogamos, pintamos, desenhamos, corremos, brincamos de esconder, de dar comida para as bonecas e outras mil coisas, olho para o relógio e só passou 1 hora (risos), chego moída ao final do dia”⁶.*

Este é o primeiro relato que recebemos na pesquisa. Nele já encontrei vários pontos interessantes para esta discussão. O li e reli algumas vezes, tentando conversar com o texto. Em transferência com a narrativa, imaginando estar ouvindo essa mulher que escrevia. Lhe dei o nome de Juliana⁷. Juliana trabalhava fora de casa antes da filha nascer e pretendia retornar ao trabalho profissional de modo “total”, como descreve. Plano que foi adiado com a chegada da pandemia. “*Havia planejado retornar **totalmente** a minha vida profissional, o que acabou sendo adiado com a pandemia*”. E, na sequência: “*Ser mãe, esposa e dona de casa em tempo integral tem me deixado frustrada, ansiosa e muito cansada*”. Logo pensei que sim, estávamos em um momento crítico do distanciamento social quando recolhemos estes relatos e isto tinha um peso relevante neste estado de frustração e cansaço. Por outro lado, essa frustração e cansaço em estar envolvida somente com as atividades domésticas e familiares não é incomum na fala de muitas mulheres, independente do momento da pandemia. Evidentemente isto se intensificou sobretudo para as mulheres que tiveram as atividades de trabalho profissional somadas aos cuidados da casa, filhos etc, alocados todos no mesmo ambiente e ao mesmo

⁶ Os relatos foram colocados aqui como foram escritos pelas participantes da pesquisa, preservando erros de grafias e/ou gramaticais. As palavras em negrito são grifos meus.

⁷ Passei a dar nomes para as mulheres que escrevem os relatos. Este processo se deu de forma natural durante toda a leitura e escrita nesta discussão. Acredito que se deu como uma forma de construir a transferência com o texto dos relatos.

tempo. Podemos pensar que este estado que Juliana descreveu diga, em parte, do cansaço físico em acumular tantos trabalhos, geralmente sem o apoio masculino. Mas, também diz de um esgotamento e cansaço mental que podem ser intensificados pelas demandas do discurso capitalista inscrito na cultura, que exige excelência, totalidade, uma vida plena. Lembro que na clínica se ouve essa fala como um pedido de muitos pacientes: querer alcançar uma vida plena. O que será isto? Sempre que escuto este pedido penso que a plenitude me cheira a morte. Só estamos plenos quando mortos. Para a psicanálise se trataria da morte do sujeito. Esta, enquanto teoria, nos dá embasamento para afirmar tal questão, ao conceituar que na constituição subjetiva do sujeito, ainda bebê, ocorrem as operações da alienação e da separação, pela via da castração que barra o sujeito e o constitui marcado pela falta (Lacan, 1966/1998). Assim, querer uma vida plena é algo de um fechamento ideal, impossível de alcançar, dado que somos sujeitos marcados pela falta. Ideais de plenitude fazem parte do discurso capitalista posto em nossa cultura e, por consequência, incidem sobre as subjetividades das mulheres.

Este cansaço é potencializado por recair sobre elas a responsabilidade dos cuidados. Em nosso meio cultural, a maternidade é mais cobrada que a paternidade no que se refere aos filhos (ILO, 2018). Percebe-se que o cenário familiar vem mudando, com maior participação masculina no cuidado com os filhos. Porém, ainda em pequena escala. Cuidar dos filhos ainda é fortemente marcado no imaginário coletivo como um trabalho feminino. Isto esteve presente durante a pandemia, onde foram as mulheres quem mais se responsabilizaram pelos cuidados da casa e dos filhos (Collins, Landivar, Ruppner & Scarborough, 2021). Tivemos vários relatos que destacaram tal realidade:

"... Estas são as minhas reflexões, ser mãe, estudante e trabalhar são atividades "incorporadas" as mulheres que resolvem construir família. Como uma amiga sempre me disse quando eu fiquei grávida: " o filho é da mãe ". E por mais que tenhamos um companheiro a responsabilidade maior recai no colo da mãe. É a mãe que a criança

chama em situações diversas e o tempo todo, é a mãe que ajuda na tarefa de casa e lava a roupa que não volta para o armário sozinha depois que suja. Mas as atividades de mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora externa ...isso é normal para nós mulheres...”. Carmem (Relato 61)

“Um desafio! Como costumava trabalhar fora 40 horas por semana, foi muito difícil lidar com todos os trabalhos domésticos mais Homeschooling para duas crianças e trabalhar home office. O meu marido faz poucas tarefas domésticas apesar de saber que o compromisso é de nós dois e também não participa das atividades de escola das crianças. Mas eu vejo um aspecto muito bom nesse período que foi um resgate da convivência com meus filhos...”. Joana (Relato 35)

Carmem traz um relato que evidencia o que falava anteriormente, de uma certa naturalização presente na cultura de que “o filho é da mãe” e que conciliar diferentes atividades faz parte, “é normal” na vida das mulheres. O relato de Joana denota o quanto isto esteve presente também na pandemia, referindo ter sido “um desafio” conciliar o trabalho doméstico com as atividades escolares das crianças e sua vida profissional. O que já era uma realidade na vida de muitas mulheres se tornou ainda mais desafiante sem o suporte externo da escola em formato presencial para as crianças e com as atividades de trabalho acontecendo dentro de casa. Pode ter sido uma experiência interessante para as relações de gênero. Talvez os companheiros tenham tido a chance de perceber a importância de assumirem mais as atividades de cuidado dos filhos e da casa, quiçá podendo dividir de forma menos desigual o tempo e a energia investida na vida profissional entre eles e as mulheres. Mas, saberemos os possíveis efeitos desta vivência em relação a maior participação masculina nas atividades de cuidado dos filhos e da casa e, por consequência, na vida profissional das mulheres, somente a posteriori.

Em artigo do jornal El País, de 17 de março de 2021, utilizando dados do IBGE, temos que no Brasil 8,5 milhões de mulheres saíram do mercado de trabalho no terceiro trimestre da pandemia, devido ao fechamento de escolas e creches para cuidar dos filhos. Outro estudo (Staniscuaski et al., 2021) também aponta que mães com filhos pequenos (de 1 a 5 anos) reduziram suas horas de trabalho de quatro a cinco vezes mais do que os pais, no período entre fevereiro e abril de 2020. Ainda corroboram com essa afirmação dados que demonstram que no Brasil somam-se, neste ano de 2021, mais de 11,5 milhões de famílias geridas por mães solo⁸, ou seja, sem a participação dos pais na criação dos filhos.

“Tem sido como uma prova de Ironman. São emoções FORTES de todos os âmbitos da vida ao mesmo tempo, trabalhar em home office sem deixar a produção cair, cuidar da filha que está emocionalmente abalada com o momento e as restrições e ainda em home schooling, cuidar das coisas da casa, fazer exercício e tentar cuidar de mim, não deixar a ansiedade tomar conta. E não entrar em desespero pq está entrando menos dinheiro na empresa. Bem difícil!”. Fernanda (Relato 29)

Temos no cenário atual um “plus” que exige das mulheres além de serem boas mães a excelência no âmbito profissional. Soma-se ainda nas exigências do discurso social às mulheres que sejam belas. Este relato diz mais ou menos isso, desta exigência em não deixar faltar por nenhum lado. O relato de Fernanda, além de marcar as “fortes emoções” e exigências vividas em tempos de pandemia, marca também a questão do tempo, de um certo circuito que se fecha em relação ao tempo, tudo acontecendo “ao mesmo tempo”. Questão que apareceu em muitos relatos. Como não adoecer com tantas demandas de totalidade, me pergunto?

O discurso social que demanda das mulheres dar conta de tudo precisa ser questionado, esburacado. Assim, são importantíssimas as discussões que pensam outras formas de criar os

⁸ Recuperado em 13 de outubro de 2021 em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-17/os-estragos-invisiveis-da-pandemia-para-as-maes-solo.html>

filhos, onde se possa reconhecer as incompletudes. Mudanças estão sim acontecendo, trazendo um reboiço nas estruturas subjetivas e sociais. Não sem resistência do instituído. Há ainda fortes incidências de discursos tradicionais sobre as formas de ser e existir enquanto mulheres no mundo. As falas feministas ganham força na atualidade e são uma das forças que convocam a pensar no lugar da mulher em sociedade, confrontando o discurso instituído.

Como já referido, para a mulher a maternidade não é a única saída para o seu desejo. Uma mulher nos dias atuais escolhe ser ou não ser mãe de uma forma distinta do que seria em outros tempos. Embora essa seja sempre uma questão importante que toda mulher irá se fazer, na atualidade é possível escolher não ser mãe sem o mesmo peso que teria antigamente esta escolha. Nesta condição, um pouco mais flexível, encontra-se como uma via de satisfação, identificação ou ligação da libido dos sujeitos que se nomeiam mulheres, o campo profissional. Veremos esse tema mais detidamente adiante nesta discussão.

Em bem menor número, tivemos algumas escritas que revelaram realidades de participação masculina, como esta:

“...Gostaria de deixá-lo menos tempo assistindo telas mas ainda temos que cuidar da casa (que meu marido assumiu mais de 80%) e do home office. Foi difícil me adaptar ao home office e a parte que sacrifiquei foi a escrita da tese. Não consigo focar o suficiente sem que surja um abraço, um beijo ou um "como que faz esse legume", "pode colocar essas roupas junto com aquela na máquina"? Meu filho só cede ao sono se for abraçadinho comigo. E ainda mantivemos tradições como filminho em família, com petiscos e noite de jogos. Dividimos as horas do dia de acordo com a demanda de home office do marido, que acabou vindo bem depois da minha e reconheço que ele sacrifica parte do seu tempo em prol do meu, pois sem isso eu não daria conta de todas as aulas e reuniões”. Andrea (Relato 41)

Neste último relato foi impossível não me identificar, enquanto também mãe, profissional e estudante. Não foi fácil! Observando o relato de Andrea, chama atenção a ideia do sacrifício que se fez necessário para enfrentar a realidade que a pandemia impôs em ter que conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos. Abrir mão de algo em prol de outro. Neste casal, como uma exceção ao que na maioria dos casos se mostrou, foi o companheiro que abriu mão de parte das demandas de seu trabalho em prol da companheira. Será que o fato de, na maioria dos casais, ter sido a mulher quem abriu mão de sua atividade profissional em prol do cuidado dos filhos está somente vinculado ao fato de serem atribuídas a elas ainda culturalmente as atividades de cuidado, ou também estaria atribuído ao fato de elas ganharem financeiramente menos que os homens? Será que nas famílias onde a mulher ganha mais que o homem, foram elas que deixaram os empregos? Questões a refletir sobre como o dinheiro, o capital, também está envolvido neste cenário dos ideais e demandas da cultura sobre homens e mulheres, pais e mães.

Voltando ao primeiro relato, de Juliana, além do significante “total”, outro significante que se destacou para mim em sua narrativa foi “impotente”. Juliana disse se sentir *impotente* por não dar conta de inventar novas atividades para a filha. Novamente destaca-se a prerrogativa de ter que dar conta de tudo. Lembro o que refere D’Agord (2013): “Aqui a lei aparece não na exigência do giro, mas na impossibilidade e impotência em se furta à castração” (p.442).

Como vimos, essa castração, impossibilidade, impotência, inscrição da falta, no discurso capitalista sofre uma tentativa de tamponamento. Não há espaço ou aceitação para ela. “O agente do discurso capitalista faz ‘semblante’ de ser o mestre, acredita não estar sujeitado a nada. É o sujeito, desconhecedor de sua incurável divisão, de sua servidão a esta verdade que o transcende” (Breustein, 2010, p. 152). Na lógica do discurso capitalista não podemos ousar ser impotentes, temos que dar conta, ou gozar em todos os sentidos. Com isso observamos

sujeitos soterrados pelas demandas sem fim e dizendo-se angustiados por não dar conta de *tudo*. Neste discurso, o ideal seria não apenas dar conta, mas ainda dar conta de *tudo*.

*“Por vezes, exaustivo. Unir o trabalho que antes era fora com as tarefas da família e da casa é punk... o que de fato aconteceu foi que sobrou tudo **prá mãe, (eu no caso)**... Meu sono tem se alterado, insônia muitas noites, sonhos com tarefas que não executei, qdo na verdade tinha feito, sonho que esqueço compromissos, acordo assustada e vou ver a conta do banco, se paguei, não paguei, paguei... Parece que todas as responsabilidades são minhas, até nos sonhos e pesadelos”.* Judite (Relato 9)

No relato de Judite me chamou atenção que ela se nomeia como “a mãe”. Este relato dá a ver uma faceta muito marcada em nossa cultura de reduzir a mulher à mãe (Iaconelli, 2020b, p.79). O relato de Judite evidencia que unir o trabalho, que antes era fora, com as tarefas de dentro da família e da casa, se tornou muito pesado. Estar dentro de casa para realizar o trabalho da vida profissional mais o da família ficou “punk”, como ela relata. A saída para a vida profissional tem uma relação com a saída do universo familiar, muitas vezes. Trabalhar fora/ sair/ um espaço/ um intervalo salutar. O espaço fora como um terceiro que todas as relações necessitam. Não à toa ouvimos frequentemente de pessoas que trabalham com a família a experiência de certas dificuldades e situações estressantes por um não limite bem estabelecido entre as relações profissionais e de intimidade. A pandemia fez com que os intervalos ficassem suspensos: intervalos físicos para aquelas mulheres que precisavam executar suas atividades profissionais de casa, acumulando concomitantemente o home office e a maternidade. Também ausência de intervalo entre as relações de identificação mãe-mulher-profissional, postas todas na mesma cena.

Assim, se já tínhamos com o discurso preponderante do mestre moderno a demanda pela totalidade e a tendência a um tamponamento da impossibilidade que nos concerne, podemos dizer que esta se potencializou com uma ausência de intervalos imposta pelo

distanciamento social, naquele período pandêmico. O medo do adoecimento e morte naturalmente geraram maior ansiedade, mas também esta ausência de intervalos parece ter tornado mais difícil lidar com as frustrações e intensificado o sofrimento. Talvez a incidência deste discurso capitalista ao demandar dar conta de tudo, somado ao período pandêmico, tenha trazido como reflexo a vivência de um estado ansioso para muitas mulheres.

Ainda sobre o relato de Judite, esta que se nomeia “a mãe”, atento à produção onírica que nos compartilha. De tão exausta em sua posição subjetiva em ter que dar conta de todas as responsabilidades, transparece em um sonho, via régia do inconsciente como nos ensinou Freud (1900/1996), algo da presença da falta. Neste sonho, esquece o compromisso ou não cumpre tarefas. Os sonhos são como possibilidades de realizar os desejos inconscientes (Freud, 1900/1996). Ali, sonhando, esta “mãe” pôde ser um sujeito faltante. Mas, ao acordar assustada, é tomada pela angústia, preocupada em confirmar se pagou ou não a conta. Lembro do artigo de Iaconelli (2019b) onde frisa que “a conta não fecha”, referindo-se a todas as demandas que as mulheres têm no discurso que a circunda. Judite na vida desperta coloca-se em uma posição onde não pode falhar, muito menos como mãe, como coloca neste relato. Reflito que, apesar do discurso totalizante que nos demanda o todo, a falta dá um jeito de se fazer presente, nem que seja em sonhos. Talvez fosse disso que Lacan (1972/2017) tratasse quando dizia que o discurso capitalista está fadado a explodir. Insistimos em ser humanos, sujeitos marcados pelas falhas, incompletudes, incongruências, marca de que o inconsciente ali está a nos fazer parte. Os sonhos, como desta mulher tomada pelo lugar de mãe, vêm de alguma forma nos lembrar que ainda somos humanos: podemos falhar, ainda que dormindo.

Ambivalência e culpa

Iaconelli (2020) refere que “o pânico que as mulheres relatam no divã pela iminência de se afastarem dos filhos pequenos para voltarem ao trabalho, ou sua rotina pessoal, só é comparável pela fobia de serem *tragadas*⁹ pela rotina de cuidados dedicados a eles” (p. 78). Muitos relatos trouxeram a questão da ambivalência presente na maternidade. O sentimento de sentirem-se cansadas, sufocadas ou aterrorizadas com o excesso da rotina familiar dedicada a cuidar dos filhos e da casa, junto de um sentimento de prazer ou motivação em poderem estar mais próximas dos filhos nestes tempos pandêmicos, vivência que o trabalho remoto possibilitou. Sobre o que diria essa expressão “ser tragada” que refere Iaconelli (2020)? Pode querer dizer de um excesso de presença junto, excesso de energia e tempo dedicado ao cuidado do outro. Mas, também faz pensar sobre a incidência do discurso capitalista ao ditar para as mulheres que sejam super: super mães, super mulheres, super profissionais. Excelentes, bem sucedidas, completas. Em ambas as suposições, um excesso de completude, uma falta do registro da falta, do intervalo, do entre. Isso remete a pensar na função terceira que institui o entre na constituição subjetiva. Ao teorizar sobre a constituição subjetiva do bebê, Lacan fala dos processos de alienação e separação, das funções materna e paterna. Pontua sobre o risco daquele sujeito que ocupa a função materna engolfar, ou “tragar” subjetivamente o bebê em sua constituição de sujeito, caso não haja a entrada de um terceiro, da função paterna. Fala do risco de um “fator letal” que a alienação comporta, do bebê destinado a ser reduzido a um objeto (Lacan, 1964/2008, p.231). Há, porém, algo que se coloca como entre nessa relação alienante, a marcar a falta do Outro (primeiro cuidador/mãe) que emperra o engolfamento subjetivo do bebê e que põe a salvo o sujeito: a função fálica (Lacan, 1969-1970/1992). Referindo-se a alienação e separação no processo constitutivo, refere:

[...] o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro. É por isso que ele precisa

⁹ grifo meu.

sair disso, tirar-se disso, e no *tirar-se-disso*, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar disso, que se safar disso. (Lacan, 1964/2008, p. 184)

Quer dizer que apesar de constitutiva a alienação é preciso “tirar-se-disso”. O processo de separação vem para marcar a falta que possibilita o desejo. Nos relatos que observamos das mulheres que são mães em pandemia, deteve-se o olhar voltado para o lado da mãe. Observou-se em muitos relatos um certo sentimento de engolfamento, sufocamento do lado das cuidadoras em relação aos seus filhos, referindo por vezes se sentirem sozinhas na atividade de maternar, exaustas, cansadas ou “tragadas” (como expressa Iaconelli) pelas demandas excessivas dos filhos. Mathelin (1999) em “O sorriso da Gioconda” discorre sobre esse tema ao observar o medo que as mães muitas vezes colocam de serem esvaziadas, devoradas pelo seu bebê.

Vejamos o relato de Martina:

“Uma série de concessões. Sinto que tem horas que preciso optar por ser o eu "mulher" ou o eu "mãe". Na maioria das vezes o "eu mulher" perde. Me olho no espelho e não entendo quando a pele ficou tão seca, me pergunto há quanto tempo não passo o hidratante parado na pia do banheiro. E essas espinhas? E o branco no cabelo? Tá certo isso? É justo ter espinha E cabelo branco? Mas a maternidade me demanda, me suga (literalmente pq a amamentação não dá trégua). Na maioria das vezes eu amo amamentar meu filho, amo a conexão, as risadas e os pezinhos imparáveis. Mas seria muito pedir que de vez em quando alguém me substituísse nessa hora? Me sinto sozinha e um pouco presa. Quando ele chora à noite e só quer a mim. Gostaria que o pai conseguisse atender a essas demandas. Quem sabe assim às vezes eu pudesse passar aquele hidratante caro que provavelmente vai vencer. Sinto falta de sair para trabalhar,

ao menos quando o trabalho não era home office eu podia ser só mulher por algumas horas. Sem culpa”. Martina (Relato 179)

Martina em seu relato aponta/chama por um terceiro, que poderia ser o pai ou o trabalho. Um outro que a tire das demandas da maternidade que literalmente a sugam. Um outro que a permitam sair da posição de mãe e colocar-se como mulher, como refere em seu relato. Cuidar dos cabelos, passar um hidratante ou sair para trabalhar. O trabalho que a permitiria se retirar desse lugar materno “sem culpa”. Que interessante, retomarei essa referência à culpa mais adiante.

Também percebi em muitos relatos a presença do significante “**mas**”. Intenso, exaustivo, cansativo, *mas*...

*“Intenso. Meu esposo está em home office e eu estou em home office durante um turno e no outro vou para o escritório. Neste tempo que fico em casa trabalhando, preciso dar atenção às meninas, ajudar nos temas, fazer meu trabalho, atender às ligações, **mas** acho que acima de tudo tem sido um tempo precioso e único, no qual posso conviver com elas como nunca tive a oportunidade e por mais que seja um período de muitas incertezas, esses momentos me dão muita segurança do que realmente importa na vida”. Maria (Relato 54)*

*“Estou feliz em poder passar mais tempo com minha cria. **Mas**, é exaustivo”. Renata (Relato 47)*

*“Tem sido cansativo, aterrorizante ser mãe em tempos de pandemia, **mas** às vezes é exatamente ser mãe, e ter a minha filha que é a melhor parte do meu dia, simplesmente o único motivo que me faz continuar acreditando que dias melhores virão, que me mantem sã”. Roberta (Relato 48)*

O que isso pode nos dizer? Esta ideia de ser muito cansativo “*mas*” por outro lado ser prazeroso estar mais tempo próximo dos filhos, acompanhar seu desenvolvimento mais de perto, como muitas referiram. Este *mas* marca a ambivalência entre querer e não querer estar junto aos filhos. Desejo de presença, mas também cansaço e desejo de ausência. Será que este sentimento ambivalente se amplificou no cenário das mulheres na atualidade que além de maternar trabalham fora? Penso no texto “Mal-estar na cultura” de Freud (1930/1988). Freud transmite a ideia de que ao vivermos em civilização nos concerne enquanto sujeitos neuróticos termos que lidar com aquilo que queremos, mas não podemos e com os sentimentos incômodos que disso advém. Também Lacan (1969-70/1992), salientou algo em torno desse mal-estar inerente ao sujeito, ao referir que o ego sem conflito não existe. Porém, temos um ideal imaginário que demanda das mulheres, ao exercerem a maternidade, uma certa completude. Uma aura pura e boa. Ser uma boa mãe. Como apontava Badinter (1985) o mito do amor materno. Porém, como em todas as relações, não há somente amor, mas também ódio. Não há somente o desejo de estar junto, mas também de se afastar. O discurso capitalista que Lacan (1972/2017) propõe é muito semelhante ao discurso tradicional que incidia e continua incidindo sobre as mulheres na maternidade em darem conta dos filhos com esse imaginário de só amor. Este também diz de uma demanda de totalidade. Como se não fosse condizente ao estado maternal certa dose de ódio ou desejo de afastar-se da cria. A ambivalência aí está e deixa à vista que a totalidade nas relações não se sustenta. Toda relação é faltante e, portanto, ambivalente. Eros e Thanatos, pulsão de vida e morte. De novo lembro o que Lacan (1972/2017) referiu sobre o discurso preponderante em nossa cultura que, por ser fechado, está fadado a explodir. Não se sustenta nas relações humanas pois deixa o sujeito de fora, um discurso assujeitado. Mas aí está, muito presente nas manifestações da cultura, nas demandas de felicidade e sucesso. Tal discurso traz consequências na subjetividade das mulheres que maternam na atualidade. Dentre eles a culpa.

Será que a culpa na maternidade é um clichê? Existe maternidade sem culpa? Afinal, o que é a culpa? Este sentimento esteve presente na escrita de muitos relatos coletados. Ilustro com o relato de Júlia que refere sentir-se culpada por não conseguir conciliar as atividades do trabalho com os cuidados da filha pequena, fazendo entender que estava ao mesmo tempo cuidando da filha e trabalhando em home office, o que foi uma realidade para tantas mulheres que são mães durante a pandemia. Este é um sentimento tão comum em relatos e falas de mulheres que chegou a ser o foco desta pesquisa até o momento da qualificação. Naquele momento (da qualificação) eu atentava para os conflitos que escutava na clínica de mulheres entre matinar e trabalhar fora, o que em geral vinha acrescido do sentimento da culpa. No desenvolver da busca teórica, fui me perguntando se seria um conflito entre desejos - pensando nos desejos de trabalhar fora e matinar - que teria como reflexo esse sentimento da culpa? Me foi apontado que estes conflitos pareciam ter a ver com demandas que incidiam sobre a mulher moderna. Foi-me sugerido, então, o aprofundamento da pesquisa com foco na incidência dos discursos, em especial do discurso do mestre moderno, do capitalista, nos relatos coletados. Norte que esta pesquisa passou a seguir.

Em “Criar Filhos no Século XXI” Iaconelli (2019a) fala da culpa vivenciada entre mulheres que buscam ser boas mães, boas trabalhadoras e mulheres “boas”, acumulando papéis e tendo de responder a diferentes demandas que socialmente são exigidas. Acabam por negar seus limites, vivenciando sofrimentos, tornando-se suscetíveis ao adoecimento.

Por séculos o preconizado era que mulheres deveriam ser aquelas que cuidam do lar e dos filhos, ocupando majoritariamente o âmbito privado e fortemente ligadas à figura do homem. Foi-se observando mudanças do posicionamento das mulheres na sociedade. Passou a ser mais comum a escolha em ter ou não filhos (com o advento da pílula anticoncepcional), casar-se ou não e o investimento em suas vidas profissionais em maior grau. Em relação a este último aspecto, no discurso atual observa-se até um julgamento moral negativo sobre aquelas

mulheres que optam por não ter uma vida profissional, ficando em casa para cuidar dos filhos¹⁰. Afinal, para seguir o discurso social vigente e suas demandas, a mulher não deveria deixar nada de fora, nem a maternidade, executada com excelência, nem a vida profissional, obtendo êxito e sucesso. O julgamento moral remete a pensar na instância do superego na obra freudiana (Freud, 1930/1988) onde a culpa seria um de seus efeitos. Freud não chega a escrever nenhuma obra especificamente sobre o sentimento da culpa, mas este foi um afeto presente em diferentes momentos da sua obra de Freud. Em “O Mal - Estar na Cultura” (1930/1988), refere sobre o sentimento de culpa como inerente ao ser humano e ao processo civilizatório. Freud ampliou o campo da psicanálise observando os fenômenos coletivos. Salienta a condição do ser humano diante da natureza e sua força destruidora, furiosa e hiperpotente; das dores e angústias frente à decadência dos corpos; e da necessidade de abrir mão da satisfação dos impulsos em prol da vida em sociedade. Dunker (2015) diz que Freud estaria neste texto conceituando o mal-estar na cultura e também trazendo a noção de sofrimento, irremediável ao humano. Freud (1930/1988) refere que o sentimento de culpa expressa a ambivalência da eterna luta entre Eros (o amor) e o impulso de morte. Conflito que surge da tarefa da convivência entre os seres humanos que a civilização impõe. Assim, o sentimento de culpa (culpa enquanto afeto) estaria ligado à cultura de maneira indissolúvel como consequência do sentimento inato de ambivalência entre amor e anseio de morte. Na construção que Freud faz neste trabalho, a culpa é tanto resultado da repressão da pulsão sexual quanto da agressividade inata ao ser humano que, em não poder realizar seus impulsos, sendo impedido pelas regras da cultura, volta essa agressividade para si mesmo. Para Freud, a renúncia aos impulsos estaria diretamente relacionada à consciência de culpa e este seria um afeto à serviço de uma organização do laço social naquela era moderna. A culpa estaria relacionada ao funcionamento superegoico e sua

¹⁰ Vale a ressalva que algum tipo de trabalho remunerado é uma necessidade para a grande maioria das mulheres no Brasil, em virtude da necessidade financeira.

relação à lei. Aquilo que surgiria como impulso gerador de movimento no aparelho psíquico, querendo se realizar, esbarraria naquilo que é permitido ou proibido ao Eu, pela instância do Supereu. Interessante observar que esta instância do funcionamento psíquico descrita por Freud se montaria a partir da cultura.

Na formação da culpa, portanto, estaria se falando de uma subjetividade baseada na relação com a lei simbólica, com o que é proibido e o que é obrigatório. Para a psicanálise, a lei barra ou modula o desejo, o impulso. Nesta obra, Freud mostra tanto a condição ambivalente do ser humano, na eterna luta entre pulsão de vida e morte, quanto a ideia de que a realização do desejo proibido (mesmo em fantasia) poderia gerar como reflexo a culpa. A cultura participaria na construção da noção do que é proibido ou não ao sujeito. Desta forma, pode-se dizer que a cultura e seus discursos que incidem sobre a mulher participam do processo subjetivo que pode gerar o afeto da culpa e que este possa dizer de algo que envolve o desejo.

"Difícil, colocando mais o fato de ser trabalhadora, poderíamos dizer que é um dos maiores desafios ao qual passei. Sem contar a preocupação constante de qual será a repercussão futura na personalidade da minha filha. Afinal ela também foi privada de socializar com outras crianças, brincar na rua e interagir com outras pessoas. Estamos em uma realidade de estresse constante, e minha maior preocupação é tentar entender o lado dela tb, o quanto está difícil para ela viver tudo isso. Mas ao mesmo tempo, pela questão de conciliar todas essas rotinas juntas, principalmente a do trabalho, acabo perdendo a paciência e implorando para que brinque sozinha um minuto e pare de solicitar minha atenção a todo tempo, para que assim consiga trabalhar por pelo menos 30 minutos sem interrupção, mas é algo praticamente impossível. Desta forma me questiono como está tudo na cabecinha dela, porque os pais estão sempre em casa mas não com ela. Acho que esse aspecto ainda está sendo o mais angustiante para mim, o que no futuro tudo isso representará na formação da personalidade da minha filha.

Sinto uma culpa tremenda por tentar conciliar tudo isso, e achar que é algo praticamente impossível de conciliar de uma forma leve e sem estresse”. Júlia (Relato 242)

No relato de Júlia atento que o sentimento de culpa está ligado ao falhar em conciliar tudo. Ao perceber-se faltante em estar em casa, mas não com a filha, sente-se angustiada. Lacan (1971-72/2009), sobre a instância do Supereu, dentro de sua época, situava que este estaria menos ligado à lei, pela decadência da autoridade simbólica, e mais ligado ao imperativo de gozo. Essa subjetividade mais ligada ao imperativo do gozo diria de dois pólos: potência/impotência ou possível/impossível. Então, o imperativo desta instância (superego) seria: goza! Imperativo que se voltaria para a realização do impulso, à lei da totalidade. Assim, talvez tanto mais uma mulher esteja tomada pelo discurso capitalista, ou, tanto mais seu superego esteja operando nessa lógica do tudo posso, tudo devo alcançar, mais esteja suscetível ao sentimento de culpa em não alcançar pretensa completude.

Retomo o relato de Martina: “(...) *Sinto falta de sair para trabalhar, ao menos quando o trabalho não era home office eu podia ser só mulher por algumas horas. Sem culpa*”. Nesta parte de seu relato, observo que sair para trabalhar seria como uma forma de justificar a saída do lugar da maternidade (esta que demanda idealmente perfeição e presença junto aos filhos), sem culpa. O trabalhar fora, estar na ausência do filho, neste relato aparece como um respiro às demandas maternas. Interessante este relato para pensar na responsabilização pelas suas escolhas. Como se para bancar seu desejo de sair da presença do filho, e sentir-se mulher então, precisa-se de algo que justificasse sua ausência, no caso o trabalho.

O fato das mulheres estarem investindo mais tempo, energia e desejo na vida profissional, exige que rearranjos sociais em torno do tema da criação das crianças em nossa sociedade aconteçam. Essas mudanças passam invariavelmente pelos discursos. Na atualidade

ainda recai sobre a mulher o imaginário de que elas seriam as responsáveis por cuidar dos filhos e desta forma sentem-se mais pressionadas por estes ideais quando desejam ausentar-se da presença dos mesmos para ocupar-se de outras coisas. São homens e mulheres responsáveis pelas mudanças discursivas e práticas no que concerne à criação dos filhos. Se o supereu na atualidade, pautado pelo discurso capitalista diz “goza”, visando a totalidade, e se a culpa neste modelo vem a ser um reflexo desse não alcance da completude, talvez espaços de reflexão a fazer furos nestes ideais de completude, escutas que ofereçam reconhecimento e amparo às mulheres (bem como a todos os sujeitos) para que não se exijam em tal completude ideal, levasse a uma experiência da maternidade conciliada ao trabalho com menos sentimentos que envolvessem a culpa. Ainda, a participação dos outros, que não somente a mãe, nas tarefas de cuidado e responsabilização com os filhos se faz importante nesta questão. Lembrando o relato de Martina, é preciso do outro para que a maternidade aconteça sem tanto desgaste. Também o Estado enquanto outro deveria estar mais atento às redes de apoio como terceiros no que concerne a criação das crianças. Enfim, algumas reflexões que foram surgindo. Sigamos pensando sobre o que pode representar o trabalho, como terceiro, na vida das mulheres que maternam.

O trabalho/ vida profissional

Observo novamente na leitura do primeiro relato, de Juliana, que vem sendo um fio condutor ao longo das minhas reflexões. Em seu relato, reporta estar frustrada, ansiosa e muito cansada ao ocupar o papel de mãe, esposa e dona de casa em “tempo integral”. Refere que trabalha muito pouco, quando e se consegue, deixando entender que trabalho é entendido por ela como aquele que realiza na vida profissional, desconsiderando a atividade que exerce como

mãe, esposa e dona de casa como sendo também um trabalho. Este aspecto me faz pensar na recente conquista na legislação argentina, onde o trabalho de cuidado dos filhos está sendo validado pela lei como tempo trabalhado para que essas mulheres tenham direito de se aposentar¹¹. Longe disso, Juliana não percebe, ou não reconhece sua atividade doméstica e de cuidado com os filhos como trabalho. No caso das leis argentinas, é interessante pensar que as mudanças na lei advêm, em grande parte, da luta de mulheres com movimentos como o feminista que faz vivo um discurso a valorizar tantos aspectos, dentre eles o trabalho de cuidado dos filhos e do lar que muitas mulheres exercem e que geralmente é muito pouco valorizado. Leis como esta são resultado de discussões, lutas sociais que envolvem narrativas antigas, já instituídas entre os sujeitos e outras formas de pensar que as tensionam. Penso que as mudanças nas leis, fazem uma marca simbólica importante no discurso social e incidem sobre os sujeitos enquanto seres de linguagem, enlaçados ao social. Portanto, refletem na subjetividade dos sujeitos que se nomeiam mulheres e mães. No Brasil, podemos pensar na lei que permitiu que as mulheres trabalhassem no espaço público sem mais necessitar da autorização legal de seus maridos com o Estatuto das Mulheres Casadas, em 1962 (Anjos, 2016). Como vimos na revisão de literatura, para muitas mulheres, ocupar o espaço público representou maior autonomia em relação às figuras masculinas (Almeida, 2007). Por outro lado, se pensarmos que ideais capitalistas nos banham a todos, inclusive às mulheres, me pergunto se de alguma maneira tal sistema poderia ter se apropriado desta parcela de mulheres que antes não tinham presença marcada no espaço público, trabalhando preponderantemente em atividades do lar, e passaram a estar mais ativas e no mercado de trabalho por demandas capitalistas. Braustein (2010), ao teorizar sobre o discurso de mercado, utilizando como base o discurso capitalista de Lacan (1972/2017), aponta para o assujeitamento que tal estrutura comporta, deixando de fora a

¹¹ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/07/argentina-reconhece-cuidado-materno-como-trabalho-para-aposentadoria-entenda.shtml>

possibilidade de desejar. Sabemos que o desejo depende da marca da falta na perspectiva psicanalítica. É somente com a barra, com a marca de um corte, que pode advir o sujeito desejante. No discurso capitalista, como colocado na teoria de Lacan (1972/2017), o desejo não está em questão.

Um estudo realizado por Pereira et al. (2019) analisa criticamente, por meio da proposição lacaniana dos discursos e do laço social, a recente cultura do consumo e o papel planejado da frustração do gozo nas relações sociais e de mercado, além da influência desses elementos como produtores de subjetividade e ideologias de desejo. Consideram a deliberada utilização do desejo pelo capitalismo como forma de controle social e motor da máquina neoliberal, pensando como o discurso do capitalista e sua não produção de laço social se relacionam com o discurso do consumo na época de um capitalismo de marca decisivamente ideológica. Ao criar necessidades de consumo fetichistas que antes não existiam e que se tornam praticamente inacessíveis para a classe trabalhadora, o capital mantém tal classe inserida na mesma lógica da necessidade irracional do desejo de consumir algo. Para tanto, o proletário submete-se à lógica da exploração da força de trabalho, em que deixa de ser sujeito desejante para tornar-se objeto de gozo do Outro. Nesta linha de pensamento, pode-se pensar que, por vezes, banhadas por tais ideias, mulheres que são mães e trabalham podem não se interrogar sobre seu desejo, estando capturadas por demandas capitalistas. É evidente que a maioria das mulheres precisa trabalhar por necessidade financeira. Mas, em que medida o trabalho profissional das mulheres estaria atrelado ao desejo?

“ (...) vejo que meu lado profissional ficou bastante de lado depois da chegada das minhas filhas (fui mãe em dois anos seguidos - sempre fui muito focada no trabalho, e agora esse foco mudou totalmente, e sinto falta de mim, da antiga eu). (...) Minha vida pessoal - fazer algo pra mim, por mim, está tão difícil, não tenho oportunidade, não dá tempo, quando faço me sinto culpada, pois penso que deveria estar destinando esse

tempo para as minhas filhas! Minha vida profissional... parou no tempo depois das filhas! (...) Tem outras profissionais mulheres, que fazem tanto, e eu não tenho conseguido! Isso não costumava ser assim, e sinto falta disso... de me focar em outras coisas, que não minhas filhas! Amo estar com elas... mas amo estar sem elas! Será que é pecado falar isso? Será que eu vou pro céu?? kkkkkkk Me sinto esgotada delas! Que horror! (...)". Suzana (Relato 79)

Em nossa revisão de literatura, vimos estudos que apontam para esta ideia do trabalho presente não apenas como necessidade, mas como fonte de realização pessoal e sentido para a vida (Silva, Pereira, Antunes, Silva e Castelari, 2019; Febro e Heloany, 2010; Almeida, 2007). O relato de Suzana denota o fato de muitas mulheres na atualidade identificarem-se simultaneamente aos lugares de mãe e profissional. Diz sentir falta de si, de sua “antiga eu” antes das filhas. Ama estar com as filhas, mas sente falta de estar sem elas também, de exercer outras formas de ser que não somente mãe. Penso que por vezes o trabalho está a serviço da necessidade financeira e ao atendimento das demandas capitalistas, mas que também possa representar para algumas mulheres a realização pessoal, perpassada pela via da identificação, envolvendo aí suas singularidades e desejo. Por vezes é no espaço do trabalho, de sua identificação com a dimensão profissional, que muitas mulheres encontram o contraponto para equilibrar a sobrecarga das demandas em ser mãe.

Embora a maternidade tenha se consolidado como o cerne do destino das mulheres por séculos, se sustentando pela via de um discurso patriarcal, machista, envolvendo jogos de uso de poder, tê-la como único destino ao desejo feminino na atualidade é insuficiente e inconcebível (Braga, Miranda e Veríssimo, 2018). Tanto pelo fato de o desejo não ser universal, o mesmo para todos e todas, quanto pela constatação de que muitas mulheres desejam se realizar pela via de uma vida profissional. Para além disto, a identificação com a vida profissional parece apontar para um respiro necessário que as mulheres buscam do exercício da

maternidade. Não quer dizer que não se identifiquem como mães ao identificarem-se como profissionais, mas que ambas as identificações podem ser complementares. As mulheres poderem assumir seu desejo para além da maternidade, é historicamente uma mudança que levou tempo. Este fato vem causando novas formas de subjetivação em nomear-se mulher. São outras formas de identificação que a cultura reconhece e permite que mulheres exerçam. O tema das identificações é extenso na teoria psicanalítica. Foi pensado por Freud e Lacan seguiu no seu desenvolvimento. Vejamos alguns pontos que podem ajudar nas reflexões sobre as mulheres no que tange a maternidade e o trabalho.

Segundo Souza e Danziato (2014) a identificação para a psicanálise é da ordem do romance inconsciente do sujeito e aparece como um modo de criação, via desejo sexual, em que se encena um drama com situações, personagens, que afetam o eu. Considera-se haver uma identificação primária que dá condição para as demais identificações e o que as impulsiona é o desejo. Em Totem e Tabu Freud (1913/1900) refere que a primeira identificação é a inscrição da lei simbólica, a interdição do incesto. “Esta primeira identificação é possibilitadora do estabelecimento de vínculos do sujeito, do direcionamento da libido para outras fontes, objetos externos” (Souza & Danziato, 2014, p. 55). Assim, o processo de identificações tem origem desde os primórdios da constituição subjetiva do sujeito. Elas dizem do modo de operação do desejo na tecitura de uma realidade inconsciente que produz efeitos sobre o eu. “Através das identificações, o sujeito adiciona elementos a seu romance inconsciente, elementos vindos do outro” (Souza & Danziato, 2014, p. 55). São elementos que não são propriamente características, mas sim significantes (representantes da representação inconsciente) que fazem o romance neurótico se movimentar. Os significantes e suas variações em cadeia promovidas pelo sujeito produzem novas significações. Assim, temos que as identificações do sujeito dizem do desejo em cena, a produzir sentidos.

Em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, Freud (1921/1983) refere haver três fontes de identificações: a originária (como referida anteriormente); a histórica, que teria como propriedade tomar do outro, do ser amado ou odiado, alguns traços; e a identificação por contágio, descrita por Freud como um tipo de identificação que se daria ao nível do desejo (Souza & Danziato, 2014). Nesta terceira forma “por contágio” uma determinada situação faria com que várias pessoas se aglutinassem em torno de um ponto comum, a nível inconsciente. Com esta forma de identificação podemos pensar que Freud estaria fazendo menção ao discurso da cultura e em suas incidências na identificação dos sujeitos. Freud observava que, nas massas, algo que ali se produzia agia de forma a agrupar pessoas com pontos de identificação em comum e que inferiam nos processos de identificação de cada sujeito.

Lacan (1961-62/ 2003) aprofunda a discussão sobre as identificações. Propõe o conceito de traço unário derivado do que Freud propõe “sinalizando aquilo pelo qual cada um pode ser ‘um’, suporte da marca da singularidade” (Souza & Danziato, 2014, p. 55). Lacan pensa nos aspectos simbólicos e imaginários das identificações que derivam do traço unário. A identificação imaginária, pretensamente totalizante do espelho, buscaria uma identidade de completude, um fechamento de sentido. Já a identificação simbólica faria furo, falta, viria como suplência à totalidade enganosa do imaginário (Souza e Danziato, 2014, p. 56). D’Agord et al. (2006), sobre as duas formas de identificação, refere:

É imaginária a identificação que faz sentido para o sujeito, é simbólica a identificação que opera no sujeito. Ambas provêm do exterior, por isso dizemos que são oferecidas. Mas, se a primeira é aparentemente total como a imagem devolvida pelo espelho, a segunda será sempre falta, hiância, abertura para significância, no sentido de que um traço é repetidamente substituído, mas o que causa essa substitutibilidade é a vacância, a falta. Pois o sujeito não é o seu nome, assim como

ele não é nenhuma das suas imagens. Ele sempre será mais do que seu nome e mais do que suas imagens. (D'Agord et al., 2006, p.120)

Assim, nas identificações há algo de imaginário que proporciona algo com aparência de totalidade e há algo do simbólico, a marcar ausências, furos, faltas e novos sentidos. É isto que possibilita dizer que as identificações do sujeito não são fixas, mas operam com estas hiências.

Não será possível aprofundar muito no tema das identificações neste percurso de escrita de mestrado. Naquilo que pudemos coletar da teoria das identificações é interessante pensar sobre o aspecto da operação do desejo ao produzir realidades inconscientes com efeitos sobre o eu (Souza & Danziato, 2014). Também sobre o aspecto que D'Agord et al. (2006) trazem das identificações tenderem a uma pretensa totalização, quando no campo do imaginário, e por outro lado tenderem a abrir, permitindo uma não fixidez, quando da incidência do simbólico e por aí proporcionar novos sentidos. Esta ideia da não fixidez nos permite pensar no relato de Suzana, que sente falta de focar em outras coisas que não as filhas, como no trabalho, na vida profissional. Suzana que expressa seu amor pelas filhas, mas ao mesmo tempo sente falta de ser mulher também em outras dimensões que não somente como mãe.

Vimos que culturalmente a imagem da mulher por muito tempo foi fortemente colada à imagem da mãe. O fato da psicanálise postular que as identificações não são fixas para o sujeito permite dizer que a identificação como trabalhadoras oferece, para muitas mulheres, a oportunidade de um respiro de uma certa colagem ou fixidez da imagem da mulher com a mãe. O trabalho na vida das mulheres permite obter satisfação em outra via e descolar essa identidade fixa que a cultura por muito sustentou da *mulher = mãe*.

A vida profissional também pode ser pensada como um terceiro a fazer um corte na relação mãe/bebê e, portanto, como uma operação simbólica salutar na constituição subjetiva do bebê. Ao observar o lado da mãe, penso que ligar sua libido a outras formas de identificações

pode proporcionar a circulação do desejo na tessitura das subjetividades. Se por um lado tornou-se mais cansativo o acúmulo de tarefas em dedicar sua energia tanto para o trabalho profissional quanto para o exercício da maternidade, pois o que observamos na experiência da maioria das mulheres é o acúmulo destas funções, por outro, a saída para o trabalho é uma fonte de satisfação. Observa-se que às mulheres na atualidade é permitido/reconhecido socialmente que tenham identificações múltiplas, não apenas como mães. Mas, ainda assim, a culpa referida em diversos relatos, parece apontar para uma prevalência das demandas culturais que ditam que ser mãe deveria ser a prioridade de um sujeito que se nomeia mulher.

Desta operação entre um novo discurso em construção, que reconhece que a mulher possa/deva(?) ocupar também um lugar na esfera do trabalho, muitas vezes identificando-se e obtendo prazer, satisfação em nomear-se profissional, e o instituído de que a maternidade deveria prevalecer entre os papéis por elas ocupados, temos o *mas* como marca da ambivalência e conflito. Tudo isso permeado pelo discurso capitalista como pano de fundo, demandando sucesso e felicidade em todos os planos.

Me parece que é em meio a diferentes demandas, precisando se haver com seu desejo, que os sujeitos ao se nomearem mulher em nossa cultura e atualidade estão colocados. Bancar o desejo diz de responsabilidade e escolhas. Deixar algo por outro. Bancar o desejo não é tarefa fácil, sobretudo em um tempo no qual somos banhados pelo discurso capitalista. Neste cenário, onde prepondera o “dar conta de tudo” e o “ser feliz”, para a mulher bancar o seu desejo de ser profissional passa invariavelmente pela necessidade de se questionar sobre suas escolhas. Será que as mulheres têm a possibilidade de escolher realmente ou são empurradas pela sociedade machista a posições, sem real poder de decisões? Espaços que dêem a possibilidade de reflexão pela escuta das singularidades, como propõe a atividade psicanalítica, levar em conta a história

pessoal e sobretudo as limitações, as possibilidades e as singularidades de cada uma se faz necessário. Neste sentido, esta pesquisa concorda com o que diz Iaconelli:

Acreditamos que só refletindo sobre as bases nas quais as possíveis escolhas estão sendo feitas, mulheres e seus companheiros podem se beneficiar de uma situação em que a parentalidade se basearia no desejo dentro das possibilidades e limitações de cada caso e não segundo forças da natureza, e com isso poderíamos falar em humanização. (Iaconelli, 2015, p. 98)

Desafios, adaptação e sobrevivência na pandemia

Qual foi o maior desafio que a pandemia nos impôs? Adaptar ou romper? Este incerto frente à iminência da morte, não saber qual a posição mais acertada a ocupar, decisões a tomar sem muito tempo para pensar: o estado era de urgência, fazer logo, de pronto, priorizando a vida.

“Ser mãe e mulher em uma pandemia, é viver numa montanha russa de emoções. Com marido trabalhando home office, e a mãe com disponibilidade, praticamente o ser mulher deixa de existir, e viramos apenas mãe, dona de casa. Confinados com duas crianças em um apartamento, sem qualquer ajuda, sem visitas ou saídas, seguindo o isolamento tipo lockdown, após 4 meses começo a pensar que o vírus não deve ser tão terrível assim, enfrentar o vírus ou sofrer de adoecimento psíquico em casa, o que pesa mais na balança? Será que alguém olha para as crianças? Para os pais? Acho que agora entrei em uma fase mais pessimista, e a desesperança parece querer tomar conta...”. Daniela (Relato 313)

Neste cenário, muitos foram os relatos como o de Daniela, a revelar que a mulher, na maioria dos casos, tomou a posição majoritariamente de mãe. Daniela em sua escrita dá a ver uma face cruel da pandemia: o adoecimento psíquico, o esgotamento, em muitos momentos traduzidos pela desesperança. Para Daniela, o confinamento fez com que os lugares de mãe e dona de casa fossem priorizados e com isso o “ser mulher” fosse posto em segundo plano. Este quadro se pintou em seu relato com ares de adoecimento psíquico. Seu relato leva a pensar na relevância de poder exercer outras formas de identificações, como mencionado anteriormente, que a pandemia para muitas mulheres restringiu. Também leva a pensar na questão do confinamento, do estar dentro de casa que, no relato de Daniela parece a ter levado ao lugar da mãe e não ao da mulher. Refletirei sobre este tema da casa mais adiante. Para além do vírus, a questão do confinamento e a necessidade de diminuir ou abrir mão de suas atividades profissionais para cuidar da casa e dos filhos, para muitas mulheres levou a um estado de mal-estar e adoecimento.

“Ser mãe é e sempre foi um grande desafio. E se tornou ainda maior quando, há dois meses, quando surgiu essa pandemia. A nossa carga mental, emocional e o acúmulo de trabalho tem me fazendo refletir muito. Sem escola, eu e meu marido tivemos que nos revezar para cuidar de nossa filha de 4 anos. Quando chegou em casa a noite, dedico as atividades escolares e a brincar com ela para suprir um pouco a ausência materna. Sem contar que é um desafio diário lidar com nossas emoções familiares, com a necessidade de cada um, de como se adaptar ou romper de vez com a rotina. Ensinar para a filha o pq do isolamento. Estamos em constante aprendizado. Se a casa não está um brinco tento deixar na melhor forma pq agora a priorização é sairmos todos " vivos" dessa pandemia”. Deise (Relato 24)

Já Deise, nos mostra que sua rotina diária na pandemia é trabalhar o dia todo, chegar em casa à noite, dedicar-se às atividades escolares, brincar com a filha. Busca à noite estar

presente enquanto mãe, pois durante o dia dedicou-se a ser profissional. Deseja *que a casa estivesse um brinco*, mas percebe as limitações do momento e destaca que a prioridade, o desafio maior, era saírem todos *vivos*. A vivência da pandemia exigiu que se perguntasse: como lidar com essas emoções, advindas das diferenças existentes entre os membros da família. O relato de Deise para além da ansiedade e angústia causadas pelo medo da morte, incertezas e preocupação em sobreviver que a pandemia trouxe, dá a ver essa faceta familiar da logística das emoções. Deise ocupa-se de um trabalho que muitas mulheres exercem, quase invisível e não reconhecido muitas vezes, de pensar, gerir as emoções do grupo. Trabalho do qual a socióloga Arlie Rochschild (Bonelli, 2004) chamou de “trabalho emocional” e destaca ser um trabalho majoritariamente feminino. Neste aspecto, um dos desafios impostos pela pandemia talvez tenha sido pensar de que modo gerir tudo isto, trabalhar, cuidar dos estudos dos filhos, estar presente como mãe, brincar, deixar a casa um brinco e permanecerem todos vivos.

*(...) Quando chegou em casa a noite, dedico as atividades escolares e a **brincar** com ela para suprir um pouco a ausência materna. Sem contar que é um desafio diário lidar com nossas emoções familiares, com a necessidade de cada um, de como se adaptar ou romper de vez com a rotina. Ensinar para a filha o pq do isolamento. Estamos em constante aprendizado. Se a casa não está um **brinco** tento deixar na melhor forma pq agora a priorização é sairmos todos " vivos" dessa pandemia.” Deise (Relato 24)*

Penso neste brinco para além do adorno feito a agregar beleza. A palavra brinco como significante também pode ser lida como ato de brincar. No relato de Deise o brinco e o brincar se entrelaçam e me fazem refletir: quem sabe frente ao desafio de lidar com os medos da morte, com a exaustão em executar tantos trabalhos e tarefas ao mesmo tempo, realidade que a pandemia impôs, o brincar tenha sido uma forma possível de não enlouquecer, ou de enfrentar os medos e manter a esperança de superar tempos difíceis. Aí está outra faceta observada nos relatos que revelam como foi ser mulher e mãe naquele período da pandemia: inventar meios

para a vida ser suportável - neste caso destacou-se a vida com filhos - não perder a esperança de chegarem todos vivos a tempos melhores. Acrescento: sobreviver também subjetivamente. Ao reler este parágrafo dias depois de escrito, tive a sensação que esta realidade diz do dia-a-dia de muitas mulheres. Um certo sentimento de sobrevivência em meio ao caos em ter que assumir tantas exigências e responsabilidades ao mesmo tempo. Talvez o que a pandemia tenha trazido como incremento às ansiedades cotidianas tenha sido esta não marcação do limite no espaço dentro/fora, pelo distanciamento social e confinamento dentro das casas, somado ao medo iminente da morte.

“... Somos apenas eu e minha filha. Tenho tido crises de ansiedade, pois além de tudo, estou trabalhando (professora)... não tenho me visto com individualidade, bastante frustrada em relação ao trabalho e questionando muito o meu "ser mãe"... Tenho sentido falta de receber colo”. Carina (Relato 22)

A ansiedade presente no relato de Carina pode querer dizer desta falta da falta, não presença do intervalo, do espaço sendo ocupado por todos da família ao mesmo tempo. Realidade que se fez presente na vivência de mulheres em tempos pandêmicos.

O relato de Carina, assim como o de Daniela (... *“Será que alguém olha para as crianças? Para os pais?”*...) me fez também pensar: quem cuida de quem cuida na estrutura social que temos hoje? Percebeu-se durante aquele período de distanciamento social mais rígido na pandemia, que esta questão foi ainda mais dramática. Mônica também relata esta realidade:

“Muito difícil! As vezes desesperador. Me sinto solitária. Choro escondida das crianças várias vezes ao dia. Difícil manter a sanidade. E as vezes eu falo para as pessoas, mas parece que ninguém escuta. Tenho vontade de gritar”. Mônica (Relato 320)

Como já citamos, são em grande número as mulheres que cuidam de seus filhos sem a presença de um terceiro. Diversas são as pesquisas que apontam para este dado ser uma realidade não só brasileira, mas mundial (Borsoi e Pereira, 2011; ILO, 2018; Macedo, 2020; Staniscuaski et al., 2021). Acrescento o que diz Iaconelli (2020): “As mulheres ocidentais quando escolhem ser mães não têm apoio na tarefa, muito frequentemente nem mesmo do pai, e pouquíssimo do Estado” (p. 79). No relato de Carina, temos o retrato de tantas mães brasileiras. O leio mais uma vez. Se destaca em minha leitura a parte onde Carina diz não se ver com individualidade e, na sequência, registra sentir a falta de um terceiro que lhe dê colo. Que importante este relato, penso. Em seu ato de escrita/desabafo registrou sua demanda por um outro. Reverberou em minha leitura desta escrita a necessidade do outro, terceiro, para criar um filho e para não deixar sucumbir, ou apagar-se, o sujeito mulher naquela relação dual mãe/filho. É preciso um terceiro a dar colo não só para o bebê, mas para aquela que cuida do bebê. É preciso um outro a cuidar do Outro do bebê. Não só fazendo a marca de terceiro na relação dual do início da vida do pequeno ser, mas reconhecendo a falta do primeiro cuidador, cuidando dele também, reconhecendo ali um sujeito faltante. Para além da função parental, como descrita por Iaconelli (2018), que mescla a função materna e paterna na constituição subjetiva do bebê, pode-se pensar a necessidade de uma função de cuidado ao cuidador. Um cuidado dedicado à figura da mulher que existe ali para além da mãe.

“Tem sido cansativo, aterrorizante ser mãe em tempos de pandemia, mas as vezes é exatamente ser mãe, e ter a minha filha que é a melhor parte do meu dia, simplesmente o unico motivo que me faz continuar acreditando que dias melhores virão, que me mantem sã”. Joana (Relato 48)

“Tem sido uma jornada imensa. Várias atividades sendo feitas simultaneamente. Muito cansaço. Muitos medos, incertezas. O contato direto com minha filha também tem sido enriquecedora. O vínculo está cada dia mais forte. Exercitar a paciência é o que mais

tenho feito. Não é fácil ser mamãe em tempo integral. Tenho que lembrar sempre que atualmente ela enxerga e vê o mundo somente através da minha visão e de meu marido. O fato de não conviver com mais ninguém também me preocupa. Tenho que acordar todos os dias com muita coragem, coragem para tocar a minha vida e transformar a realidade em algo lindo e esperançoso, para que ela siga sentindo-se feliz. Tenho me lembrado muito do filme “A vida é bela”. Sei que a situação não é tão extrema, mas se deixar a ansiedade e a tristeza tomarem conta... a desesperança aparece...”. Josiane (Relato 94)

Sentimentos de ansiedade, solidão, falta de um intervalo, ambivalências e culpas estiveram muito presentes na vida das mulheres que são mães e trabalham durante a pandemia. Muitas mulheres transpareceram em seus relatos que ser ao mesmo tempo mulher e mãe, conciliando outras atividades como o trabalho profissional, foi muito exaustivo durante a pandemia. Para outras, o fato de não exercerem o trabalho profissional, sendo apenas mães e donas de casa como Daniela, fez com que sentissem-se adoecidas. Por outro lado, para algumas como Joana e Josiane foi no exercício da maternidade que encontraram coragem, criatividade e esperança para enfrentar os tempos difíceis.

A possibilidade de giros - Os discursos não são fixos

O sofrimento de muitas mulheres se mostrou em não reconhecer que “a conta não fecha”. Em contrapartida, outros relatos evidenciaram uma capacidade reflexiva e de reconhecimento das faltas como naturais, fazendo parte da nossa condição humana. Atento à escrita de Ana, onde o reconhecimento da impossibilidade de fazer caber tudo aparece:

“Eu preciso me conformar de que não vou conseguir fazer tudo bem feito. Não consigo me dedicar inteira ao trabalho, tendo um filho pequeno em casa, que ainda mama. Além

disso, os cuidados com a casa ficam em terceiro plano, e eu e meu marido fazemos quando é possível, porque ele trabalha fora meio período e no outro período ele fica com o nosso filho pra eu trabalhar. Isso me causa ansiedade, mas tento pensar no privilégio de poder trabalhar de casa nessa pandemia, pra me confortar”. Ana (Relato 46)

Não sem um tanto de ansiedade, seu relato evidencia a posição discursiva de alguém capaz de operar com a castração, com aquilo que não consegue realizar, fazer o que é possível.

Retomo o relato de Judite:

*“Por vezes, exaustivo. Unir o trabalho que antes era fora com as tarefas da família e da casa é punk... o que de fato aconteceu foi que sobrou tudo **prá mãe, (eu no caso)**... Meu sono tem se alterado, insônia muitas noites, sonhos com tarefas que não executei, qdo na verdade tinha feito, sonho que esqueço compromissos, acordo assustada e vou ver a conta do banco, se paguei, não paguei, paguei... Parece que todas as responsabilidades são minhas, até nos sonhos e pesadelos”*. Judite (Relato 9)

Judite, diferente de Ana, parece estar tomada pelas demandas impostas à ela como mãe. Sente o peso de todas as responsabilidades recaindo sobre ela, até em sonhos e pesadelos. Penso: o que faz com que algumas mulheres possam estar em uma posição mais questionadora, a conseguirem fazer esses furos discursivos, reconhecer seus limites, fazer frente às demandas que lhes impõe todas as responsabilidades, o tal “dar conta”, enquanto outras demonstram em seus relatos parecem estar engolfadas na demanda de um discurso que não admite o erro, a impossibilidade, a imperfeição? Nesta esteira, remeto-me ao que vimos referir a teoria lacaniana: os discursos permitem ao sujeito uma certa flexibilidade, uma mudança de posição em um quarto de giro (Lacan, 1969-70/1992; 1970/2003). Lembro que há um discurso que questiona o instituído. Discurso que Lacan (1969-70/1992) chamou de discurso da histórica.

Reflico que este seria um discurso potente a fazer furo naquele instituído, capitalista, onde impera o ideal de que faria parte do universo feminino dar conta de tudo. No discurso social atual ouvimos que a mulher é guerreira, é forte, aguenta o tranco, dá conta de tudo. Talvez como a outra face daquele que diz que a mulher é o sexo frágil, dependente de um homem que a proteja. Porém, esse novo discurso que lhe oferece potência e força, também pode esconder uma faceta cruel colocando mulheres e mães numa busca por serem fortes e guerreiras sempre. Facilmente este discurso pode escorregar para uma demanda de ser toda, super, encaixando-se dentro do que visa o discurso capitalista.

Se há possibilidade de giro, isto quer dizer que a posição discursiva do sujeito não é fixa, é dada a movimentos. O sujeito ora pode estar em uma posição discursiva, ora em outro. Vimos que no exercício das funções parentais os sujeitos são lançados mais do que nunca a sua condição de ser sexuado e, portanto, dividido, faltante (Lacan, 1967-68/2003) e que para a teoria psicanalítica as verdades do sujeito têm estrutura de ficção, o que nos liberta do absoluto (D'Agord, 2013). Assim, são nas outras posições discursivas, que não as do capitalista, que se faz possível o exercício da maternidade quando pautadas no desejo. Admitir a face da impotência do ser, das não totalidades, das limitações, permite que cada mulher, ao seu modo, possa inscrever a sua maneira de ser mãe, conciliando outras fontes de satisfação e identificação como a vida profissional. Os relatos das mulheres que esta pesquisa teve contato nos mostram que as demandas capitalistas, neste discurso fechado e ideal da total felicidade e perfeição, tornam difícil o terreno para o sujeito operar com seu desejo e singularidades nos laços sociais ao serem demandadas como excelentes. Isto se torna ainda mais intenso quando as mulheres também se ocupam como profissionais. Em ser multi, ligando sua energia a diferentes possibilidades de identificações, o cenário parece solicitar das mulheres que possam se perceber enquanto seres faltantes. Em sendo os sujeitos ligados ao Outro social, essa operação será mais ou menos favorecida conforme o peso das demandas incidindo sobre as mesmas. Exercer a vida

profissional na vida das mulheres, investir sua libido nesta outra área da vida subjetiva, só é possível se a criação dos filhos não depender apenas da mãe. É preciso uma rede, outros a dar suporte para que subjetivamente o sujeito mulher possa dedicar-se a outras posições que não apenas a maternidade. Tanto mais o discurso social pudesse reconhecer estas limitações, mais seria possível o exercício da maternidade conciliado com a vida profissional de modo menos pesado para as mulheres. Porém, o que percebemos é que a pressão do discurso capitalista que demanda a totalidade de todos parece ser ainda mais cruel sobre as mulheres, demandando que ocupem sozinhas as atividades de cuidado que se refletem em uma posição subjetiva de responsabilidade dos filhos e da casa. Destacaram-se para mim como saídas possíveis a fazer frente ao discurso capitalista, para as mulheres que são mães e trabalhadoras, tanto o discurso histórico, questionador do instituído, bem como do analista, ao sustentar não respostas, mas reflexões possíveis para a constituição das ficções/saídas singulares frente ao impossível e ao faltante do ser presentes no exercício da parentalidade.

A casa

A casa na pandemia. Dentro de casa, fora dela... o “trabalhar fora” agora dentro de casa e as mulheres. A maternidade e o trabalho... A casa foi outro significante que me despertou atenção na leitura dos relatos. Pelo fato do confinamento naquele período pandêmico, a casa tornou-se um espaço de convívio mais intenso entre os membros da família, além de abrigar tanto a vida doméstica/familiar quanto a profissional.

Reflito um pouco sobre o que significa a casa na vida das mulheres, mesmo fora do período pandêmico. A expressão “sair de casa”. Em seu uso corriqueiro pode representar uma expressão que indica a passagem para a vida adulta. Para muitas mulheres só era possível, até

certo tempo não tão distante, sair de casa com o advento do casar-se. Note-se que casa e família de origem quase se equivalem neste uso “sair de casa” ao querer dizer se independizar das origens, crescer, formar outros vínculos. Ser dona do seu espaço, ser a “rainha do seu lar”. Para muitas isso só era possível, sob o passe de ter um marido. Deixavam de ser filhas para serem esposas. Assim, uma certa libertação era possível, fazer as coisas do seu jeito, a rainha do seu lar, do seu espaço, mas estando atrelada a um outro lugar de subalternidade, do marido (Almeida, 2007). Mas, voltando a ideia de sair de casa com uma conotação de crescimento, evolução, positiva, não raro escutamos histórias de mulheres que contam sobre atravessamentos e conflitos em morar com a família de origem após casarem-se e terem filhos. Assim, a frase “quem casa quer casa” se fez no dito popular, querendo dizer que novas relações muitas vezes pedem novos espaços. Tomo esta ideia para pensar sobre a relação com o trabalho.

“(...) Não consigo me dedicar inteira ao trabalho, tendo um filho pequeno em casa, que ainda mama. (...) ele trabalha fora meio período e no outro período ele fica com o nosso filho pra eu trabalhar. Isso me causa ansiedade, mas tento pensar no privilégio de poder trabalhar de casa nessa pandemia, pra me confortar”. Ana (Relato 46)

Assim como quem casa quer ter seu espaço em separado da família de origem, podendo ali construir e exercer uma outra forma de ser, penso que quem almeja uma vida profissional, pode também estar querendo um respiro às relações familiares, ocupar outra posição discursiva talvez em outra forma de identificação. A família muito embora seja importante nas relações como referência, espaço de trocas, de amparo, na nossa constituição subjetiva desde bebês, também é lugar de conflito e muitos sofrimentos. Como diz a psicanalista Maria Homem em recente vídeo: “a família como um caldeirão de loucuras”¹². É um lugar onde incidem tanto os discursos da cultura macro, quanto da cultura micro, repetições, jogos de poder, amores e ódios

¹² Em <https://www.youtube.com/watch?v=p3BQIX3hPZE&t=329s> . Recuperado em outubro de 2021.

e disso, destas relações, muitas vezes resulta sofrimento, adoecimento etc. Família e casa, muitas vezes tornam-se muito próximos. Assim, a família remete à casa que muitas vezes remete à conflitos? Bem, na pandemia um tanto dessa fórmula apareceu. Claro que nem sempre. Mas muito do cansaço, desgaste e ansiedades narrados nos relatos apareceram atrelados ao fato de ter que administrar subjetiva e emocionalmente estar em diferentes posições ao mesmo tempo: mãe, companheira, profissional, somada às questões da sobrevivência. Como referiu Ana: *“Isso me causa ansiedade, mas tento pensar no privilégio de poder trabalhar de casa nessa pandemia, pra me confortar”*. Assim, parece que a casa para quem teve a oportunidade de ficar dentro dela, fazer o isolamento social naquele período mais crítico de pandemia, foi ao mesmo tempo abrigo e fonte de ansiedades.

Com a observação da experiência durante a pandemia de quem teve que conciliar diversos papéis dentro de casa, talvez se possa afirmar que se afastar por um tempo facilite os giros discursivos possíveis ao sujeito que vimos na teoria lacaniana (Lacan, 1970/2003). Poderíamos dizer também que os giros discursivos têm a ver com as diferentes identificações de um mesmo sujeito? Pode ser. Se sim, podemos dizer que para muitas mulheres trabalhar fora representaria tanto a possibilidade de fazer valer outras formas de identificação que não apenas aquelas ligadas à maternidade, e portanto facilitando a circulação do desejo, quanto discursivamente posicionar-se fazer frente a discursos de totalização. Ocupar este lugar poderia representar um respiro, um descolamento de imagens totalizantes e portanto salutar para o sujeito e para a manutenção das relações. São conjecturas que a leitura dos relatos costurando à teoria me fizeram pensar.

Seriam infinitas as possibilidades de reflexões com a leitura dos ricos relatos coletados. Mas este é um recorte que traz uma leitura possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se debruçou sobre relatos de mulheres que são mães e trabalham ou desejam trabalhar. Pensando que as narrativas são importantes, que vivemos em uma sociedade carente de conexão com suas memórias e que as histórias importam procurou-se dar espaço a narrativas de mulheres. Os tempos em que coletamos os relatos foram tempos de distanciamento social e pandemia. Dunker (2015) refere a importância de estarmos atentos à articulação entre os fatos sociais com as narrativas de sofrimento. O sofrimento pede um espaço para ser narrado e pensá-los neste trabalho se deu fazendo uma incursão nos discursos instituídos e nos ideais da cultura.

Quando propôs-se uma pesquisa na universidade a escutar narrativas/ relatos, conversar com a teoria, produzir conhecimento e apresentar isso ao público, fez-se também uma aposta de que pudessem se produzir alguns giros, mesmo que pequenos, no discurso social e na cultura capitalista massiva vigente.

Escrever sobre o tema da maternidade e trabalho ao longo da pandemia, sendo eu pesquisadora, mulher e mãe, não foi tarefa fácil. O cenário pandêmico se colocou trazendo medos, incertezas e inseguranças. Muitos foram os efeitos daquele período mais crítico, que ainda estamos elaborando e sentindo seus efeitos. Foram muitos os medos, angústias e privações. Ainda não saímos da pandemia e não sabemos bem quando ela acabará. Em algum momento minha orientadora neste percurso, apontou: “parece que tua escrita aqui está diferente, frases curtas, em blocos”. A escrita transparece quem escreve. Momentos de escritas duras, frases curtas, escrevendo da maneira que dava. Assim como nos relatos coletados, alguns feitos com duas ou três palavras, outros com muitas linhas. Alguns pontuados, intervalados, outros escritos sem pontos ou vírgulas. A escrita desta pesquisa de mestrado assim se fez:

enfrentando momentos de sufoco, escrevendo frases curtas; respirando, costurando teorias e reflexões em momentos de possíveis pausas da rotina de uma mulher que é mãe e trabalha.

Muitas foram as perdas neste percurso. Mas, pela força do desejo, a vida continuou e a escrita das reflexões que esta pesquisa pretendia se deu, da maneira como foi possível. Como a própria pesquisa apontou, a tentativa de dar conta de tudo e as ansiedades dessa demanda também se fez presente para mim. Foi preciso um tanto de análise, de discurso analítico, para sustentar a possibilidade de questionar as demandas e exigências da totalidade e deixar fluir com as imperfeições, com as falhas e faltas que nos fazem parte enquanto sujeitos humanos. Um tanto de discurso histórico para barrar o mestre moderno que incide com suas demandas de totalidade e perfeição. E muito, mas muito amor de transferência entre todos os envolvidos: orientadora, colegas, amigos. Os textos e anotações foram lidos e relidos, a lapidar aquilo que apresento hoje, como um texto reflexivo, com uma leitura acerca da vivência de mulheres abrangendo as singularidades da maternidade e do trabalho durante a pandemia. Percebi que a pandemia veio a colocar luz sobre questões já vividas mesmo antes dela. No trabalho desgastante que tantas mulheres têm em administrar as logísticas práticas do dia-a-dia, não sem administrar também aquilo que envolve as emoções familiares, profissionais e pessoais. Como vimos, mostrou-se o quanto recai sobre os sujeitos que se nomeiam mulheres os trabalhos que envolvem o cuidado nas relações. Nisto a maternidade se impôs como o lugar ao qual as mulheres mais foram demandadas durante a pandemia (e quiçá seja também fora dela). Muitas abdicaram de sua vida profissional para cuidar dos filhos que estavam sem escola presencial. Para algumas a maternidade foi a âncora a dar sentido e esperança, para outras causa de sofrimento. Para muitas, concomitantemente ambas as situações. Vimos o quanto o apoio da escola é importante para que as mulheres que são mães possam exercer a vida profissional, bem como o apoio de outras pessoas que prestam serviços como de limpeza, de preparo da comida etc. – serviços de apoio remunerados, no caso de famílias classe média, mas em geral pouco

reconhecidos. Foi possível perceber que, em algumas famílias, os homens vêm participando mais das atividades domésticas e de cuidados dos filhos, mas ainda em pequena escala.

Mulheres não desejam apenas ser mães. Muitas não desejam ser. Não que antigamente a maternidade fosse a única saída ao desejo feminino, mas lhes era demandado este lugar. Mudanças nas leis, o surgimento da pílula anticoncepcional e movimentos sociais que questionam o universo feminino foram fazendo com que surgissem novas possibilidades narrativas que permitissem às mulheres adentrar o campo de trabalho não apenas como uma necessidade financeira, mas também como uma outra via de ligação da libido, satisfação e identificação. Os relatos mostraram o quanto a saída para trabalhar pode também querer dizer de uma saída da casa, do meio familiar, do excesso de presença. Família que ao mesmo tempo é referência e amparo nas relações, também pode ser um “caldeirão de loucuras”. Vimos o quanto a presença/ausência na relação mães/filhos é fundamental para possibilitar um não engolfamento não apenas das crianças mas também das mães que muitas vezes se percebem sufocadas ou “tragadas” pelas demandas dos filhos. Nisso salientou-se o quão importante são outros como terceiros para cuidar de quem cuida. O trabalho, para muitas, pode ser este terceiro a funcionar como uma válvula de escape, possibilitando um respiro das questões que envolvem a maternidade.

Pensou-se na ambivalência, como algo que faz parte do humano, mas que na maternidade parece ganhar um peso maior. Pelas tantas demandas incidindo sobre as mulheres e por um imaginário ainda presente da boa mãe, aquela que deveria idealmente ser toda amor. Ao desejarem estar ausentes ou sentirem raiva, ao romper com este ideal, o sentimento de culpa como reflexo.

Sobre o discurso que prepondera em nosso tempo e cultura, o discurso capitalista, vimos que este impõe sobre todos a totalidade, a perfeição em todos os âmbitos. Que nada fique de

fora, que a conta feche! Sobre as mulheres chega com um peso imenso, demandando que sejam perfeitas em muitos âmbitos, na maternidade, na vida profissional, na beleza etc.

“Dar conta de tudo”, a “impotência”, o “total”, a “culpa”, o “mas”, a “casa”, o “brinco/brincar”, foram significantes que se sobressaíram na minha leitura dirigida pela escuta psicanalítica. Destes, fui tecendo uma troca entre os relatos das mulheres, minhas ideias, as ideias dos autores e a teoria consultada. Sem pretensões de fechar nada, mas trazendo leituras e algumas construções reflexivas. A psicanálise se coloca crítica ao discurso que prepondera, o capitalista, apontando que é um discurso que não se sustenta quando pensa-se o sujeito humano como desejante, faltante, muitas vezes incongruente e falho. Desta maneira temos que construir nossas ficções e formas de existir no mundo com aquilo que falta excede na existência e nas relações incluindo aqui a maternidade e a vida profissional. Vimos que existem outros discursos nos quais o sujeito pode se posicionar, posto que os discursos não são fixos. Nestes, destaquei o discurso do analista e o discurso histérico. Do analista, a sustentar o questionamento das demandas, não oferecendo respostas fechadas, mas apostando na capacidade de construção pela via do desejo. Esta estrutura discursiva proporciona no laço social a presença de um Outro/outro que reconheça o sujeito em suas falas singulares. O discurso histérico, apontando a castração do mestre, dos ditos instituídos. Ambos potentes na construção de narrativas que possam basear um ser/estar no mundo, ser mulher, mãe e profissional, em conexão com sua história e desejo. Se vivemos num sistema capitalista (na sua pior versão, neoliberal), estamos banhados fortemente pelo seu discurso. As mulheres estão banhadas por ideias que lhes demandam totalidades enquanto mães. Mas a possibilidade e a aposta segue sendo no desejo, na sustentação de que é por sermos faltantes que somos singulares.

Foi considerando o sujeito singular e ao mesmo tempo em laço social, com a incidência dos discursos existentes, que tentei tecer esta escrita. Por fim, pode-se dizer, que parece ser em considerar a existência dos tropeços e falhas como constituintes, de nossas limitações e

peculiaridades enquanto sujeitos, que se faz possível construir para cada mulher a sua forma de ser como mulher, mãe e profissional. Refletir sobre as demandas de totalidade só se faz possível se havendo um espaço, um entre, uma escuta e um reconhecimento do outro em suas singularidades. Neste sentido a psicanálise segue sendo um instrumento de pesquisa e clínica valioso na contracorrente do discurso capitalista.

Antes de encerrar, gostaria de colocar apenas uma última observação que me causou certo estranhamento e curiosidade. A referência à vida sexual das mulheres quase não esteve presente nos relatos. Por quê? Será que ser mulher e mãe em tempos de pandemia deixou de fora a vida sexual das mesmas? Ou será que falar de sexo e maternidade ainda é difícil? Badinter (2011) sobre a dificuldade de ser mãe e ao mesmo tempo ocupar o lugar de namorada/companheira referia:

Nada é mais antitético ao casal de namorados do que eles próprios na função de pais. Mesmo que não se durma com a criança, não é fácil passar de um papel para o outro. Se a mãe amamenta durante meses ou anos, o que sobra para a intimidade do casal e sua sexualidade?. (Badinter, 2011, p. 130)

Será que assim como foi difícil ocupar diferentes papéis como mãe e profissional ao mesmo tempo e espaço (tudo dentro de casa durante a pandemia), como mulher o desejo sexual também pediria um espaço fora? Quando referiam sobre ser mulher, em geral, esta posição nos relatos estava atrelada à atividades de estética, como fazer as unhas, cabelo, malhar, não à vida sexual em si. A sexualidade de quem materna: outra questão interessante que ficará para outros momentos de reflexão possíveis.

E pra finalizar, me encontrei com esta canção de Lenine e Carlos Renno. Canção que reafirma “o que mais vale a pena é estar vivo”. Este vivo do sujeito com toda sua imperfeição e a incompletude...

Vivo

Precário, provisório, perecível

Falível, transitório, transitivo

Efêmero, fugaz e passageiro

Eis aqui um vivo, eis aqui um vivo

Impuro, imperfeito, impermanente

Incerto, incompleto, inconstante

Instável, variável, defectivo

Eis aqui um vivo, eis aqui

E apesar do tráfico, do tráfego equívoco

Do tóxico, do trânsito nocivo

Da droga, do indigesto digestivo

Do câncer vir do cerne do ser vivo

Da mente o mal do Ente coletivo

Do sangue o mal do soro positivo

E apesar dessas e outras

O vivo afirma firme afirmativo

O que mais vale à pena é estar vivo

É estar vivo

Não feito, não perfeito, não completo

Não satisfeito nunca, não contente

Não acabado, não definitivo

Eis aqui um vivo, eis-me aqui...

Fonte: [LyricFind](#)

Compositores: Lenine / Carlos Aparecido Renno

Ouvir em: [Lenine - Vivo \(Lenine In Cité\) - YouTube](#)

REFERÊNCIAS

Aita Ivo, A., & Foggiato Ferreira, C. (2019, out.). Maternidade e Produção Científica: análise dos editais de fomento à pesquisas nas universidades públicas do RS. *Diversidade e Educação*, 165 - 182. Recuperado em 01 de junho, 2020, de: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9428>

Almeida, L. S. (2007, Jul./Dez.). Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19 (2), 411- 422.

Anjos, D. (2016). O trabalho da mulher e a legislação brasileira. Recuperado em 25 de setembro, 2020, de <https://danieledanjos.jusbrasil.com.br/artigos/405061977/o-trabalho-da-mulher-e-a-legislacao-brasileira>.

Araújo, M. de F., & Moura, S. M. S. R. de. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia Ciências e Profissão*. 24 (1), p 44-55.

Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. 5.ed. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras.

Badinter, E. (2011). O conflito: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record.

Bonelli, M. da G. (2004). Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu*, (22), 357-372. Recuperado em 20 de agosto de 2021 de: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100015>.

Borsoi, I.C.F., & Pereira, F.S.P.S. (2011). Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. *Temporalis*, 11(21), 119-145. Recuperado em 20 de agosto de 2021 de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5017169>.

Beividas, W. (1999). Pesquisa e transferência em psicanálise: lugar sem excessos. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*. 12(3), 00. Recuperado em 09 de dezembro, 2019, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300016>.

Benjamin, W. (1936). O narrador. Considerações sobre a obra de NikolaiLeskov. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense. [1987].

Braga, R. C., Miranda, L. H. de A., & Veríssimo, J. de P. C. V. (2018, set). Para Além da Maternidade: as Configurações do Desejo na Mulher Contemporânea. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3 (6), 523 - 540.

Braunstein, N. (2010, jan./jun). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso?. In: *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 2 (1), 143–165.

Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*, 7(2), 145-174.

Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Ashoka Empreendedores Sociais; Takano Cidadania*

(Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora.

Collins C., Landivar L. C., Ruppner L., & Scarborough, W. J. (2021). COVID-19 and the gender gap in work hours. *Gender Work Organ.* 28(S1), 101–112. Recuperado em 20 de junho de 2021 de <https://doi.org/10.1111/gwao.12506>

Couto, L. F. S., Casséte, J. L. de Q., Hartmann, F., & Souza, M. F. G. de. (2018). Os Discursos Lacanianos como Laços Sociais. *Revista Subjetividades*, 18(Esp), 93–104. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6562>.

D’Agord, M. R. L, Binkowski, G. I., & Chittoni, F. B. (2006). Classes interativas e identificação em psicopatologia. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology*, 7(1), 116-130. Recuperado em 20 de novembro de 2021 em <https://www.ufrgs.br/psicopatologia/classesinterativas.pdf>

D’Agord, M. R. de L. (2013, dez). Do grafo do desejo aos quatro discursos de Lacan. *Psicol. USP* 24 (3). 431-451. Recuperado em 6 de julho de 2021 em <https://www.scielo.br/j/pusp/a/FkPyy76QWqjrfD89TNh6DtL/?lang=pt#>

Dunker, C. (2015). *Mal estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.

Dunker, C. (2019). O Discurso do Capitalista: Espectros de Marx em Milão. *Teoría y Crítica de la Psicología* 13 (2019), 108-130. Recuperado em 6 de julho de 2021 em <http://www.teocripsi.com/ojs/> (ISSN: 2116-3480)

Elia, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3), 00. Recuperado em 09 de dezembro, 2019, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015>.

Fabbro, M.R.C., & Heloani, J.R.M. (2010). Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. *Investigación y Educación en Enfermería*, 28(2), 176-187. Recuperado em 20 de agosto de 2021, em: <http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v28n2/v28n2a04.pdf>.

Figueiredo, L. C. e Minerbo, M. (2006, Jun.). Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*. 39(70), 257-278.

Fonseca, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP*, 13,(2), 49-68.

Freud, S. (1983). Psicologia das massas e análise do eu. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. [1921].

Freud, S. (1988). O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. [1930].

Freud, S. (1988). Construções em Análise. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. [1937].

Freud, S. (1990). Totem e Tabu. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. [1913]. p. 11-125.

Freud, S. (1996). Conferência XXXIII - Feminilidade. In: Freud, S. Edição Standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro. [1932].

Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: Freud, S. Edição Standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro. [1900].

Garrafa, T. (2020). Primeiros tempos da parentalidade. In: Parentalidade. Teperman, D., Garrafa, T., & Iaconelli, V. (org.). Belo Horizonte: Autêntica. (2020).

Grant, W. H. (2002). A maternidade, o trabalho e a mulher. Colóquio do LEPSI IP/ USP, 3., São Paulo. Recuperado em 29 de outubro de 2019, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300008&script=sci_arttext&tlng=pt

Hilferding, M. (1991). Reunião de 11 de janeiro de 1911. Ata da sociedade psicanalítica de Viena. In: Hilferding, M., Pinheiro, T., & Vianna, H. B. As bases do amor materno. São Paulo, SP: Escuta. [1911].

Homercher e Iensen (2020, ago). Do traumático ao viver criativo. *Cadernos de Psicanálise/CPJR*, 42 (42). 13-36.

Iaconelli, V. (2015). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio a função materna*. São Paulo: Annablume.

Iaconelli, V. (2018). Função parental, papel parental e gênero. In: Marioto, R. M. (org). *Gênero e Sexualidade na Infância e Adolescência: Reflexões psicanalíticas*. Bahia: Ágalma. (2018).

Iaconelli, V. (2019a). *Criar filhos no século XXI*. São Paulo: Contexto.

Iaconelli, V. (2019b, out.). A conta mulher, trabalho e filhos simplesmente não fecha. *Revista Crescer*. Recuperado em 27 de dezembro de 2019, de <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2019/10/conta-mulher-trabalho-e-filhos-simplesmente-nao-fecha-afirma-psicanalista-vera-iaconelli.html>

Iaconelli, V. (2019c, nov.). Dossiê parentalidade e vulnerabilidades. *Revista cult*, 04 de novembro, 2019, ed 251. <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-parentalidade-e-vulnerabilidades/>.

Iaconelli, V. (2020a). Sobre as origens, muito além da mãe. In: Parentalidade. Teperman, D., Garrafa, T., & Iaconelli, V. (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica. (2020). p.11-22.

Iaconelli, V. (2020b). Reprodução de corpos e de sujeitos: a questão perinatal. In: Parentalidade. Teperman, D., Garrafa, T., & Iaconelli, V. (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica. (2020). p. 71-88.

International Labour Organization - ILO. (2018, jun.) “*Care work and care Jobs For The Future of decent work*”. Recuperado em 05 de agosto de 2020. <https://www.ilo.org/global/topics/care-economy/care-for-fow/lang--en/index.htm>

Iribarry, I. N. (2003). O que é a Pesquisa Psicanalítica? *Ágora- Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138.

Lacan, J (1972). Do Discurso Psicanalítico - Conferência de Lacan em Milão (12 de maio de 1972). Tradução para o português Sandra Regina Felgueiras - original Lacan in Italia [1953-78]. Lacan em PDF. Recuperado em 10 de março de 2021, de <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>

Lacan, J. (1992). O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1969-70].

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder . In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1958].

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1966].

Lacan, J. (2003). Radiofonia. Respostas às sete perguntas formuladas pelo Sr. Robert Georquin para a radiodifusão Belga. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1970].

Lacan, J. (2003). O Seminário. Livro 15: O ato analítico. Buenos Aires, Argentina: EFBA. [1967-1968]. Publicação não comercial.

Lacan, J. (2003). O seminário. Livro 9: Identificação. (I. Correia & M. Bagno, Trad). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. [1961- 1962]. Publicação não comercial.

Lacan, J. (2008). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1964].

Lacan, J. (2009). O seminário. Livro 18: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1971-72].

Levi, Primo. (1988) *É isto um homem?* São Paulo: Rocco Editora.

Lima, B. S., Braga, M. L. de S., & Tavares, I. (2015). Participação das mulheres nas ciências e tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas. *Revista Gênero. UFF*, 16 (1). Recuperado em 01 de junho, 2020, de <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31222>

Martins, C. A., Abreu, W. J. C. P. de, & Figueiredo, M. do C. A. B. (2014). Torna-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem, Coimbra*, 4 (2), 121-131.

Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>

Mathelin, C. (1999). *O sorriso da Gioconda: clínica psicanalítica com os bebês prematuros*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Pereira, L. F. L., Silva, T. M. da, Couto, D. P. do, & Silva, M. L. (2019). Consumir e Consumir-se: Gozo e Capitalismo na Contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, 19(3), Publicado online: 28/02/2020. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e7400>

Ricci, G. (2005). *As cidades de Freud: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Rosa, Miriam Debieux. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. Recuperado em 07 de junho de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&tlng=pt.

Santos, P. T. dos, & Brandão, A.A.R. (2015, abril). A transformação da mulher na relação com o trabalho. *Revista Psicologias*. Vol. 1, 1-16. Recuperado em 06 de julho em file:///C:/Users/andre/Downloads/208-Texto%20do%20artigo-528-1-10-20150515%20(1).pdf

Saraiva, I. Z., Oliveira, N., S., M., N., & Morejon, C. F. M. (2020, abr.). Impactos das Políticas de Quarentena da Pandemia Covid-19, Sars-Cov-2, sobre a CT&I Brasileira: prospectando cenários pós-crise epidêmica. *Cadernos de Prospecção – Salvador*. 13 (2), Edição Especial, 378-396.

Seligmann-Silva, M. (2008). Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, 20(1), 65-82. Recuperado em 23 de dezembro, 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100005&lng=pt&tlng=pt.

Silva, M., Ferrari, A. G., Copatti, A. L., Hoewell, A. G., Silva, E. X., & Silva, L. R. (2020). *Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social*. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Souza, L. B. de, & Danziato, L. J. B. (2014). Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante. *Revista Subjetividades*, 14(1). 53-61. Recuperado em 18 de novembro de 2021 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2359-07692014000100006

Staniscuaski, F., Kmetzsch, L., Soletti, R. C., Reichert, F., Zandonà, E., Ludwig, Z. M. C., & de Oliveira, L. (2021). Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action. *Front. Psychol.* 12, 663252. doi: 10.3389/fpsyg.2021.663252.

Tavares, A., & Parente, T. G. (2015, ago-dez). Gênero e carreira científica: um estudo a

partir dos dados das Universidades Federais da Região Norte do Brasil. Revista Artemis, 10, 66-75.

The Washington Post. (2020). Women academics seem to be submitting fewer papers during coronavirus. ‘Never seen anything like it,’ says one editor. Newspaper The Lily. Estados Unidos, EUA: Caroline Kitchener.

World Health Organization (2020). Novel Coronavirus – Republic of Korea (exChina). Geneva: WHO. Recuperado em maio de 2020, de <https://www.who.int/csr/don/21-january-2020-novel-coronavirus-republic-of-korea-ex-china/en/>.

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Este é um convite para você participar da pesquisa “**Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social**”, sob a responsabilidade das professoras Dra. Milena da Rosa Silva e Dra. Andrea Gabriela Ferrari, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa pretende refletir sobre parentalidades e maternidades no contexto da pandemia de COVID-19, a partir da narrativas de mulheres que são mães. A participação na pesquisa consiste apenas na escrita de um relato, no formato que você desejar, sobre como tem sido ser mulher e mãe em tempos de confinamento.

Caso você deseje participar da pesquisa, esclarecemos que: a) você pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento e não precisa apresentar justificativas para isso; b) sua identidade será mantida em sigilo; c) caso você queira, poderá ser informada(o) de todos os resultados obtidos com a pesquisa.

Entendemos que esta pesquisa apresenta risco mínimo a você, uma vez que você está sendo convidada a escrever, da forma como quiser, sobre suas experiências como mulher e mãe no contexto de pandemia e isolamento social. Trata-se de um tema sensível, pois é um contexto de muitas angústias, medo, incertezas... Contudo, não faremos perguntas invasivas, nem insistiremos em uma reflexão. Oferecemos um convite e uma pergunta aberta. Consideramos que escrever de forma livre em formato de relato ou diário favorece a vazão de sentimentos, podendo ser visto como um benefício da pesquisa. Ainda assim, é possível que sentimentos difíceis de tolerar sejam mobilizados. Caso você necessite, após enviar seu relato, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras para um possível acolhimento e/ou escuta, através do nepis.ufrgs@gmail.com. Assim, não se espera que esta pesquisa lhe produza nenhum dano. Se isso ocorrer, você terá direito a solicitar indenização através de vias judiciais e/ou extrajudiciais.

Esse Projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujo endereço é Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre – RS, Cep 90035-003. E-mail: cep-psico@ufrgs.br. Os relatos serão armazenados em arquivo digital pelas pesquisadoras na sala 234 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, conforme preconiza a Resolução 196/96, as informações coletadas serão guardadas pelo período mínimo de cinco anos. O Instituto citado está localizado na Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre – RS.

Você, participante da pesquisa, tem a garantia de tomar conhecimento e obter informações, a qualquer tempo, dos procedimentos e métodos utilizados nesta pesquisa, bem como dos resultados finais. Para isso, sugerimos que você salve ou imprima este termo, a fim de guardar os contatos das pesquisadoras.

Nós, pesquisadoras, ao buscar refletir sobre as questões relacionadas a ser mulher e mãe em tempos de pandemia, assumimos o compromisso de divulgar os resultados dessa pesquisa -

mantendo total sigilo sobre as participantes. Da mesma forma em que iremos nos utilizar das redes sociais para acessar e convidar mulheres que são mães a responder essa pesquisa, consideramos que tais redes são possíveis canais de comunicação e devolução dos resultados finais, não só às participantes, bem como a população que tem acesso a tais meios, respondendo a Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV.

Com forma de retorno direto a você participante da pesquisa, ao concluir seu relato e antes de enviá-lo, você poderá inserir no campo "contato" (não obrigatório) um endereço de e-mail para que ao final deste estudo possamos lhe enviar um documento correspondente aos dados obtidos a partir dos relatos recebidos.

Assim, ao assinalar a opção "aceito participar" você concorda e declara que compreendeu o objetivo da pesquisa.